

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Flávia Frossard

**A BIOPOLÍTICA DA MÍDIA LIVRE: produção coletiva e
colaborativa na rede.**

Um estudo do circuito Fora do Eixo.

Rio de Janeiro
2012

Universidade Federal do Rio de Janeiro
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Escola de Comunicação

**A BIOPOLÍTICA DA MÍDIA LIVRE: produção coletiva e
colaborativa na rede.**
Um estudo do circuito Fora do Eixo.

Flávia Frossard

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Comunicação e Cultura.

Orientadora: Prof. Dra. Ivana Bentes

Rio de Janeiro
2012

Frossard, Flávia

A BIOPOLÍTICA DA MÍDIA LIVRE: produção coletiva e colaborativa na rede.

Um estudo do circuito Fora do Eixo.

Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) – Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, Escola de Comunicação – ECO, 2012.

Orientadora: Prof. Dra. Ivana Bentes

1. Fora do Eixo: Produção Cultural e a Luta pela Liberdade. 2. Breve Histórico do Movimento Político Midialivrista. 3. Do Biopoder à Biopolítica. I. Oliveira, Ivana Bentes de. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Escola de Comunicação.

FLÁVIA FROSSARD

A BIOPOLÍTICA DA MÍDIA LIVRE: produção coletiva e colaborativa na rede.

Um estudo do circuito Fora do Eixo.

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Comunicação e Cultura.

Aprovado em ____ de ____ de 2012.

Prof. Dra. Ivana Bentes de Oliveira (Orientadora)
Doutora em Comunicação
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Henrique Antoun
Doutor em Comunicação
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Fábio Luiz Malini de Lima
Doutor em Comunicação
Universidade Federal do Espírito Santo

Avaliador Suplente

Prof. Dr. Marcio Tavares D`amaral
Doutor em Letras
Universidade Federal do Rio de Janeiro

**Ao Flávio, Nettiê e Matheus, meus
maiores incentivadores e amores
eternos.**

**Ao Ricardo, meu companheiro, meu
amor!**

Agradeço

Aos meus pais, pelo investimento, pela dedicação, pelo cuidado e pela motivação. Vocês foram fundamentais em cada momento deste trabalho.

Ao meu amado irmão Matheus, pela alegria sempre constante.

Ao Ricardo, pela companhia, pela segurança, pela atenção, pela paciência (principalmente na reta final) e, em especial, pelo amor sempre presente.

Aos familiares e amigos capixabas, cariocas ou paulistas, obrigada pela torcida e pela amizade.

À querida família Ferrari Leite que com tanto amor me acolheu nas terras cariocas.

Aos professores e colegas de mestrado da ECO, por compartilharem os conhecimentos, pelos debates e pela amizade que foi tão importante nessa pesquisa.

À minha orientadora Ivana Bentes, pelas ideias e pelas contribuições sempre fundamentais para a realização deste trabalho.

Aos funcionários da ECO, pela paciência e pelo cuidado em sempre nos ajudar com os problemas burocráticos.

À Capes, pela bolsa que possibilitou a realização desta pesquisa.

Toda Obra é uma viagem, um trajeto, mas que só percorre tal ou qual caminho exterior em virtude dos caminhos e trajetórias interiores que a compõem, que constituem sua paisagem ou seu concerto.

Gilles Deleuze

RESUMO

Frossard, Flávia. **A biopolítica da mídia livre**: produção coletiva e colaborativa na rede. Um estudo do circuito Fora do Eixo. Rio de Janeiro, 2012. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura). Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

O Circuito Fora do Eixo é um modelo inovador de produção cultural brasileira. Essa rede de ativismo contemporâneo se baseia em uso de tecnologias livres e economia solidária. Além disso, há um incentivo à produção e à distribuição cultural pela América Latina. Dessa forma, o circuito caracteriza-se como uma forma de mídia livre, uma vez que funciona de maneira colaborativa, possibilitando o compartilhamento de ideias e de produções culturais. Compreendendo o funcionamento desse circuito, procuramos investigar as relações de poder que atravessam este projeto. Sendo assim, trabalhamos conceitos como de sociedade de controle, trabalho imaterial, capitalismo cognitivo, multidão, poder constituinte e produção do comum para assim conceituar as nossas discussões. Também trabalhamos os acontecimentos históricos que marcaram a constituição da mídia livre como o Maio de 68 e as produções de comunicação comunitária, alternativa, popular e tática. Além de apresentar os processos de formação do Fora do Eixo, as suas frentes de trabalho e os reflexos dessa produção na sociedade contemporânea.

Palavras-chave: mídias livres, colaboração, comum, biopolítica, multidão.

ABSTRACT

Frossard, Flávia. **A biopolítica da mídia livre**: produção coletiva e colaborativa na rede. Um estudo do circuito Fora do Eixo. Rio de Janeiro, 2012. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura). Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

O Circuito Fora do Eixo is an innovative model of cultural production in Brazil. This contemporary network of activism is based on use of free technologies and solidarity economy. In addition, they also incentive the cultural production and distribution in Latin America. Thus, this project, is characterizes as a form of free media since it works in a collaborative way, allowing the sharing of ideas and cultural production. Understanding the operation of this project, we investigated the power relations that run through this project. We use concepts like society of control, immaterial labour, cognitive capitalism, multitude, constituent power and subjectivity to base our reflections. We also talked about the historical events that marked the settlement of free media as May of 68 and the production of alternative, popular, tactics and community communications. Besides showing the processes of formation of Fora do Eixo, their work fronts and reflections of this production in contemporary society.

Keywords: free media, collaboration, commons, biopolitics, multitude.

Lista de Figuras

Figura 1 – Mapa de pontos do Fora do Eixo em março de 2011.

Figura 2 – Mapa das cidades por onde o Festival Grito Rock passará em 2012.

Figura 3 – Gráfico de representação do funcionamento da Cauda Longa.

Figura 4 – Imagem das moedas Marcianos e Cubo Card, respectivamente.

Figura 5 – Imagem das moedas Goma Card e Lumoeda, respectivamente.

Figura 6 – Imagem das moedas Patativas e Palafita Card, respectivamente.

Figura 7 – Parte do trabalho da Assessoria de Imprensa Fora do Eixo.

Figura 8 – Alguns produtos desenvolvidos pelo Design Fora do Eixo.

Figura 9 – Fotos ilustrativas do funcionamento da webrádio.

Figura 10 – Alguns álbuns lançados pelo Compacto.Rec.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. FORA DO EIXO: PRODUÇÃO CULTURAL E A LUTA PELA LIBERDADE..	16
1.1 A CRISE, A REDE E A MÍDIA LIVRE.....	16
1.2 CONSTRUINDO O FORA DO EIXO.....	25
1.3 FRENTES TEMÁTICAS.....	29
1.4 FRENTES MEDIADORAS.....	34
1.5 FRENTES PRODUTORAS.....	43
1.6 REPERCUSSÕES E INFLUÊNCIAS.....	47
2. BREVE HISTÓRICO DO MOVIMENTO POLÍTICO MIDIALIVRISTA.....	50
2.1 O MAIO DE 1968.....	50
2.2 COMUNICAÇÃO POPULAR, COMUNITÁRIA, ALTERNATIVA E TÁTICA	53
2.3 A MÍDIA LIVRE	55
3. DO BIPODER À BIOPOLÍTICA.....	60
3.1 CAPITALISMO COGNITIVO E TRABALHO IMATERIAL.....	70
3.2 A MULTIDÃO E A CONSTITUIÇÃO DO COMUM.....	74
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	82
BIBLIOGRAFIA.....	87

Introdução

Para se tornar a ser vivo, para ser novamente mestre do seu destino, para se reafirmar como sujeito da história, ele deve operar uma reversão da reificação: a revolução, a reversão da reversão, a subjetivação do trabalho morto, a transformação do objeto e do sujeito. (LAZZARATO, 2006, p. 250)

Com as novas tecnologias, como a internet e o celular, a mídia se democratizou. Não no sentido de maiores direitos das pessoas, mas de maior participação de todos na comunicação. (Dan Gillmor, 2005, Introdução)

A colaboração e o uso das novas tecnologias abrem uma perspectiva nova para a produção de mídias na sociedade contemporânea. A popularização das tecnologias de informação e comunicação em conjunto com a expansão do acesso à Internet e com a evolução das interfaces criativas vêm modificando substancialmente o cenário da comunicação mundial.

Isso ocorre uma vez que a rede mundial de computadores fundamenta-se na interação, ou seja, na recepção e na produção simultânea de conteúdos. Essa lógica funciona de maneira inversa à produção das mídias tradicionais, à medida que a produção de linguagem midiática se constitui, cada vez mais, como uma função diluída na sociedade, não mais sendo uma tarefa que pertence apenas aos profissionais de comunicação.

Esse processo acaba por introduzir novas práticas e sujeitos na comunicação social, sobretudo, aquelas fundadas na produção de comunicação baseada na colaboração e na participação, em que o *modus operandi* se funda em um processo de construção de mídia *bottom up* (ou seja, de baixo para cima).

Essas práticas ou experiências, confirmadas na produção de blogs, sites independentes, redes sociais online, comunidades de notícias, publicações impressas alternativas, veículos livres ligados às organizações culturais das periferias da cidade e aos pontos de cultura do governo federal têm como traço peculiar o fato de utilizar os recursos da Internet como maneira radical de sua produção e consumo, quase sempre criando inovações sem apoio efetivo do Estado e do Mercado, gerando um processo de singularização de práticas midiáticas que as tornam quase impossíveis de serem replicadas para outros contextos e atores.

Nesse contexto, surge então a mídia livre, que é tema deste trabalho. Essas mídias que serão apresentadas de forma detalhada no decorrer desta dissertação, são veículos colaborativos e distribuídos, uma vez que, de forma simples e acessível, geram um compartilhamento de ideias e facilita a sua própria formação. É um meio de troca de ideias, formação de um espaço midiático compartilhado, pluralidade de vozes, produção descentralizada de conteúdo e, portanto, um espaço para a produção do comum, no sentido de Negri & Hardt (2005, p. 266), em que “o comum não se refere a noções tradicionais da comunidade ou do público; baseia-se na comunicação entre singularidades e se manifesta através dos processos sociais colaborativos de produção.”

Esse trabalho busca então compreender a dinâmica dessas nomeadas mídias livres por meio do estudo de caso do circuito Fora do Eixo. Este faz parte de um circuito cultural que é uma rede de trabalhos concebida por produtores culturais das regiões centro-oeste, norte e sul formada no final de 2005. O projeto fomenta empreendimentos culturais em todo o Brasil e trabalha em busca do compartilhamento de tecnologias de armazenamento, colaboração e disposição do conteúdo na rede além de metodologias de gestão do circuito.

Esta dissertação nos pareceu particularmente importante uma vez que a comunicação e a informação são cada vez mais destacadas nos processos produtivos e sociais. Numa sociedade em rede, possibilidades de gerar redes plurais e democráticas são grandes exemplos para a fundamentação de práticas presentes e futuras.

Este estudo foi feito, principalmente, através de uma revisão bibliográfica do advento da Internet e a evolução dos modos de participação do usuário na construção de conteúdos na Internet. Além de avaliar os processos históricos que contribuíram para o surgimento das mídias livres como o Maio de 1968 francês e as construções comunicacionais alternativas. Essa revisão foi de fundamental importância porque, por meio dela, pudemos organizar o pensamento sobre o debate e então sedimentar um conhecimento que obtivemos por meio de inúmeros textos lidos e da formação acadêmica na Escola de Comunicação, da UFRJ.

A segunda operação tratou-se de uma coleta de dados e análise dos mesmos sobre as produções do circuito Fora do Eixo. Isso foi feito por meio de uma imersão de três dias na Casa Fora do Eixo de São Paulo e da participação nos

congressos nacionais Fora do Eixo de 2010 e 2011. Além disso, alguns dados foram retirados dos relatórios anuais produzidos pelo circuito e divulgados na Internet.

Sendo assim, a dissertação está disposta em três capítulos. O primeiro capítulo apresenta as questões envolvendo a crise na indústria fonográfica, o surgimento da rede de computadores e da Internet e suas influências para o surgimento do Circuito Fora do Eixo.

Além disso, também, apresentamos, a partir do conceito de Rizoma de Deleuze & Guatarri, como se deu a constituição do circuito Fora do Eixo. A partir daí apresentamos e analisamos os modos de funcionamento do circuito por meio das suas frentes (temáticas, mediadoras e produtoras) e seus reflexos na sociedade contemporânea.

O segundo capítulo trata de um histórico de eventos e modos de produção de comunicação que influenciaram o surgimento das mídias livres. Assim, apresentamos os eventos do Maio de 1968 e os processos de produção de comunicação popular, comunitário, alternativo e tático. Em seguida, apresentamos o processo de formação do termo mídia livre e algumas características e modos de funcionamento desse movimento.

O terceiro capítulo é voltado para o pensamento da produção de informação contemporânea. Isso tratado dentro das questões ligadas à mídia livre e das ferramentas utilizadas pelo homem no século XXI. Para isso, retornamos às ideias e aos conceitos que consideramos fundamentais no processo de construção da sociedade em que vivemos. Apresentamos então reflexões de autores como Michel Foucault, Gilles Deleuze, Antônio Negri, Michael Hardt entre outros que levantam questões relevantes e que nos servem como referência no estudo de caso que envolve as mídias livres e colaborativas avaliadas nas produções do projeto Fora do Eixo.

Dessa forma, esse capítulo apresenta os diagramas de poder apresentados por Michel Foucault, pensando o poder disciplinar das sociedades disciplinares (que se estabeleceram entre o século XVIII e o século XX), chegando às questões levantadas por Gilles Deleuze sobre o controle e as sociedades de controle, que vivenciamos atualmente. Também, a partir de Negri & Hardt, discorreremos sobre as questões envolvendo o Capitalismo Cognitivo e as novas formas de produção imaterial, ressaltando as discussões envolvendo o poder constituinte e as

potências. O capítulo se encerra então, com as questões voltadas à Multidão e à Constituição do Comum, seguindo as ideias de Negri & Hardt.

Dessa forma, é a partir desses conceitos que apresentaremos, mais adiante, neste trabalho, como o uso das tecnologias na sociedade contemporânea possibilitou a produção de mídias livres e ampliou as possibilidades de distribuição da informação entre os indivíduos.

1. Fora do Eixo: Produção Cultural e a luta pela liberdade

Uma nova perspectiva se abre para a produção e a difusão cultural no Brasil. A popularização das tecnologias de informação e comunicação em conjunto com a expansão do acesso à Internet, juntamente com a evolução das interfaces criativas vêm modificando substancialmente o cenário da comunicação mundial. Além disso, esse processo também encontra as crises da indústria fonográfica e dos modelos de negócios vigentes.

Esse momento tem então favorecido a emergência de experimentos alternativos para a produção e a difusão cultural no Brasil. Um desses experimentos é o Circuito Fora do Eixo, que é objeto de estudo deste trabalho. Este tem funcionado como uma das experiências mais relevantes em termos de gestão cultural no Brasil.

Para então uma melhor compreensão do funcionamento desse circuito e também dos modos de apropriação das mídias livres, apresentaremos neste capítulo um breve histórico da indústria fonográfica com as consequências para o surgimento do circuito e também como as novas tecnologias, desde o surgimento dos computadores pessoais e da Internet, têm sido fundamentais na constituição do que aqui nomeamos de mídia livre.

A partir desse momento, apresentaremos então, de forma detalhada, como é constituído o circuito Fora do Eixo além da sua repercussão na sociedade contemporânea.

1.1 A Crise, a Rede e a Mídia Livre

Pensar em música hoje é lembrar-se logo dos *downloads*, do *itunes*¹ e de compartilhamento em geral. É também, ao mesmo tempo, pensar nos ambulantes que nos cercam cheios de cópias de CDs e DVDs. A chegada da Internet possibilitou diretamente novos modos de produção e principalmente de distribuição de produtos em geral, como os relacionados à produção musical.

¹ O *itunes* é um reprodutor de áudio desenvolvido pela empresa *Apple* para reproduzir e organizar a música digital e arquivos de vídeo. É considerado revolucionário por possibilitar a compra de arquivos de mídia digital a baixos preços e por possibilitar a compra unitária de músicas ao invés do álbum completo.

Esse momento de compartilhamento de arquivos de música pela rede tem sido muitas vezes nomeado como a principal causa da crise em que a indústria fonográfica se encontra. Entretanto, vamos apresentar alguns outros momentos de crise dessa indústria que, já no seu auge, apresentava problemas.

Na década de 50, logo no começo da Indústria Fonográfica, mesmo estando na década de ouro, novas tecnologias de gravação, que utilizavam fitas magnéticas já causavam problemas à indústria fonográfica. Isso porque, enquanto essa indústria buscava o monopólio das produções musicais, essa tecnologia reduzia o custo total da produção musical e já possibilitava o surgimento de produtores, selos e gravadoras independentes.

Com a chegada da década de 60, os problemas continuaram. A introdução da tecnologia digital, que possibilitou a gravação com sons produzidos eletronicamente por meio de simuladores digitais de instrumentos, fez com que a indústria fonográfica perdesse ainda mais o controle sobre a produção musical. Se antes ela detinha todo controle sobre gravações, instrumentistas e músicos, nesse momento, qualquer indivíduo passou a produzir diversos sons digitalmente.

Com o passar dos anos e o surgimento dos computadores pessoais, que já apareciam com maior capacidade de armazenagem e processamento, além de possuir softwares de gravação, essa crise se agravou ainda mais. Isso porque essa tecnologia barateou os custos de produção, em especial, para aos artistas independentes.

Todas essas mudanças alteraram as relações de poder dentro da Indústria Fonográfica, entretanto foi em 1999 que um programa mudou de vez a história da música. Esse era o Napster. Criado por Shawn Fanning permitia o compartilhamento de arquivos pela Internet, principalmente em formato MP3.

O Napster funcionava por meio de uma rede P2P. Essas redes denominadas P2P vêm do inglês *peer to peer* e têm como significado algo como “pessoa a pessoa”. Esse é um conceito de Michael Bawens. Para o autor, as redes P2P “ocorrem em redes distribuídas. As redes distribuídas são redes em que os agentes autônomos podem determinar livremente o seu comportamento e ligação sem o intermédio obrigatório de centro” (BAWENS, online, p.2). Sendo assim, as

redes P2P ao ligarem duas pessoas promovem uma produção de conhecimento baseada na participação e no relacionamento. O interessante dessas redes é que, a princípio, qualquer pessoa pode participar delas, não há um processo seletivo para escolha de seus participantes. Porém, com o uso desta rede, o usuário pode ganhar destaque ou ser excluído dessa comunicação.

Esse modelo não é somente uma nova tecnologia da comunicação e sim trabalha como modelo de funcionamento de novos processos sociais e gera um terceiro modo de produção, de autoridade e de propriedade e visa aumentar a participação generalizada de atores equipotenciais. Ou seja, é uma arquitetura de sistemas distribuídos caracterizada pela descentralização das funções na rede, onde cada nó realiza tanto funções de servidor quanto de cliente.

Esse modelo trabalha com três características principais, a primeira delas envolve a produção de valor de uso. Essa deve ser feita através da cooperação livre entre produtores que têm acesso a capital distribuído, ou seja, o seu produto reside num valor de uso dirigido a uma comunidade de utilizadores. A segunda característica envolve o modo de autoridade das redes P2P, essas trabalham com o chamado terceiro modo de autoridade que tem a administração da rede pela própria comunidade de produtores e não por uma hierarquia empresarial. Já a terceira característica evidencia que as redes P2P utilizam regimes de propriedade comum, isso através da disponibilização livre do valor de uso segundo um princípio de universalidade.

Dessa forma, o Napster permitia que os usuários realizassem o *download* de um arquivo diretamente do computador de um ou mais usuários de maneira descentralizada. Assim, cada computador conectado à rede era ao mesmo tempo servidor e cliente. Foi então, a partir desse momento, em que qualquer usuário comum com seu computador pessoal passa a poder copiar e reproduzir diversas músicas, que a Indústria Fonográfica inicia um grande conflito, com o que ela própria denomina “pirataria”.

Esse conflito ganhou forma e cresceu à medida que o Napster passa a ser mais conhecido e torna-se uma empresa. No ano 2000, o programa era atualizado mensalmente e o número de usuários crescia a cada semana, chegando a ter 8 milhões de usuários conectados.

A Indústria Fonográfica se levanta então em defesa dos direitos autorais. Foram muitas batalhas judiciais buscando proibir a operação livre do Napster. Grandes nomes da música como a banda Metallica se associaram às principais gravadoras em processos na tentativa de tirar do ar o Napster.

Ao final dessa batalha, o Napster foi fechado, mas o compartilhamento na rede nunca mais foi igual. Diversas ferramentas similares foram geradas: Kazaa, Emule, BitTorrent entre outras, e a distribuição de conteúdo online ganhou ainda mais força.

No entanto, a questão dos direitos de propriedade intelectual também ganhou mais destaque na era pós Napster. Isso ocorre porque as redes P2P são acusadas de ferir os direitos autorais, por disponibilizar arquivos sem a autorização dos proprietários do *copyright*². O que ocorre na verdade é que, com a expansão da Internet, aumentou-se a possibilidade de recombinação, reconfiguração, mixagem e distribuição dos objetos digitais. Ou seja, há muitas novas possibilidades criativas a cada produção.

Com a Internet, a escassez que justificava os altos preços em determinadas produções perde o sentido. Além disso, a oferta de músicas e bandas à disposição das pessoas na rede é enorme e, em muitos momentos, essa diversidade cultural tem superado a audiência de cantores e bandas lançados por gravadoras. Dessa forma, a indústria intermediária enxerga essa diversidade de conteúdo na rede, como bilhões de reais perdidos. Eles tentam então, por meio do *copyright*, bloquear esse acesso.

Para resistir ao *copyright*, são possibilitadas novas formas de direito como o uso de licenças gerais públicas, como as licenças *Creative Commons*. Essa é uma entidade, sem fins lucrativos, criada para permitir uma maior flexibilidade na utilização de obras protegidas por direitos autorais. A ideia é fazer com que um autor/criador permita uma utilização mais ampla de seus materiais, mas sem infringir as leis de proteção à propriedade intelectual.

Dessa forma, essa licença permite que o autor do conteúdo (detentor do *copyright*) possa abdicar, em favor do público, de alguns direitos que fazem parte da sua criação. Ainda que os autores retenham alguns direitos, essa é uma

² Compreendo por Copyright o direito exclusivo de imprimir, reproduzir ou vender obra literária, artística ou científica.

maneira eficaz para facilitar o compartilhamento e recombinação de conteúdos pela rede.

Esse procedimento faz parte de uma filosofia *copyleft*. Essa é uma forma de utilizar a proteção dos direitos autorais com objetivo de diminuir ou retirar as barreiras de utilização e modificação de uma obra sob licença *copyright*. O objetivo é que autores e criadores ao utilizarem licenças que trabalham dentro da filosofia *copyleft*, possam ter condições mais favoráveis para que as pessoas se sintam livres para contribuir com aperfeiçoamentos e alterações em uma obra, em um processo contínuo. Para que então, dessa forma, possa-se permitir a livre distribuição da informação pela rede como, por exemplo, em iniciativas midialivristas.

Sendo assim, ainda nesse período, um pouco antes do fechamento do Napster, outras experiências por meio do uso da Internet passam a ser exploradas.

Para melhor compreensão das mudanças e das possibilidades geradas com a chegada da rede, é importante lembrar brevemente o processo de surgimento e estabelecimento da Internet.

No início dos anos setenta, foi a invenção do microprocessador, "unidade de cálculo aritmético e lógico localizado em um pequeno chip eletrônico" (LEVY, 2003, p.31) que possibilitou a disseminação da informática da forma como vemos hoje em dia, como máquina central nas atividades econômicas e sociais. Isso porque o microprocessador possibilitou a informatização de diversos setores, da indústria e dos serviços, e também a invenção do computador pessoal, na Califórnia, na década de 70.

Paralelamente a esse processo, em setembro de 1969 surgia a Internet, através da Arpanet, uma rede de computadores montada pela Advanced Research Projects Agency (ARPA), ligada ao Departamento de Defesa dos Estados Unidos. A agência era focada na pesquisa de informações para o serviço militar, ela então montou uma rede interativa de computadores, empregando uma tecnologia revolucionária de transmissão de telecomunicações. O objetivo maior era garantir comunicação emergencial caso os Estados Unidos fossem atacados por outro país, principalmente a União Soviética, na época da Guerra Fria.

Essa rede possuía um sistema de troca de informação que sobrevivesse mesmo se algum (ou alguns) computador(es) de sua rede, ou melhor, nós de sua

rede, fossem destruídos, no caso, por exemplo, de uma guerra nuclear. Os primeiros nós da Arpanet foram estabelecidos em universidades americanas, como em Standford, na Universidade da Califórnia em Santa Bárbara e na Universidade de Utah.

A Arpanet era uma rede que tinha como desafio integrar diferentes tipos de redes existentes, assim como tecnologias futuras, a uma arquitetura de redes comum, permitindo a todo 'nó' ter o mesmo papel. A rede tinha que operar através da quebra de documentos confidenciais em pequenas partes e espalhando-as por vários computadores ao longo do território dos EUA, de modo que os comunistas poderiam até achar algumas árvores, mas jamais conseguiriam visualizar a floresta. (MALINI, tese, p.159)

A partir desse momento, a Arpanet serviu como infraestrutura para o surgimento de diversas redes de computadores, normalmente universitárias, que trabalhavam cooperativamente e criaram diversos programas primordiais para o desenvolvimento da Internet. Sendo assim, ela se tornou uma rede de redes.

Nessa mesma época surge o UNIX³, um sistema operacional que mais tarde daria origem ao Linux⁴. Esse sistema foi desenvolvido pelos Laboratórios Bell, foi liberado para as universidades em 1974, incluindo seu código fonte, com permissão para alteração de fonte. Como a AT&T⁵ decidiu reivindicar direitos de propriedade sobre o UNIX, em 1984 o programador Richard Stallman lançou a Free Software Foundation, propondo a substituição do *Copyright* pelo que chamou de *Copyleft*, um sistema diferenciado de direitos autorais em que nesse caso significaria que qualquer pessoa que usasse um software gratuito deveria em retribuição, distribuir pela Internet o código aperfeiçoado.

Além disso, outro componente contribuiu com o atual formato da Internet foi o Bulletin Board Systems (BBS - Sistema de Boletim Eletrônico), ou sistema de quadro de avisos, um movimento que brotou da interconexão de computadores pessoais no final da década de 1970. Mas o que permitiu a Internet abarcar o mundo todo foi o desenvolvimento da World Wide Web (WWW). Trata-se de uma aplicação de compartilhamento de informação desenvolvida, em 1990, por um programador inglês, Tim Berners-Lee.

³ O UNIX é um sistema operacional de 32 bits, mutiusuário e multitarefa, comum a estações de trabalho e (cada vez menos) dominante na Internet. Originalmente desenvolvido em 1969 por Ken Thompson.

⁴ Criado em 1991 por Linus Torvalds é hoje considerado um dos sistemas operacionais mais avançados do mundo, mas não é o único de software livre.

⁵ American Telephone & Telegraph é a maior provedora de serviços de telefone nos Estados Unidos.

Juntamente com Robert Ciliau, Berners-Lee construiu um programa navegador/editor e o nomeou hipertexto de World Wide Web, rede mundial de amplo alcance. Dessa maneira, a Internet passou a ser disponibilizada para um maior número de pessoas e alcançou maior espaço na sociedade.

Em 1995, foi lançado na rede, pela Netscape Communications, o software Netscape Navigator, gratuito para fins educacionais e ao custo de 39 dólares para uso comercial. Depois do sucesso do Navigator, a Microsoft finalmente descobriu a Internet e, em 1995, lançou o seu próprio navegador o Internet Explorer junto com seu software Windows 95.

Entretanto, foi no ano de 1999 em Seattle que pela primeira vez um coletivo se organizou para cobrir um evento online. Buscando uma contrapartida ao monopólio midiático, a cobertura foi feita por meio de fotografias e textos dos protestos publicados diretamente na Internet. Essa foi uma das primeiras experiências mundiais do uso da tecnologia e ficou marcada por abrir portas para a mobilização social por meio das redes.

Em seguida, surge um novo modelo revolucionário de publicação, os blogs, iniciando a grande era das mídias cidadãs. Para Dan Gillmor (2005), a genealogia das mídias cidadãs se localiza no 11 de setembro de 2001. Isso porque, devido ao ataque ao *World Trade Center*, as pessoas passaram a procurar por informações nas redes de notícia atrás de atualizações (sobreviventes, corpos identificados etc.), entretanto, essas não suportavam a demanda e não informavam no tempo desejado pelos espectadores. “Na época, a audiência do MSNBC multiplicou por 10. A da Fox News, idem. Os usuários que ficavam nesses sites em torno de 3 segundos, ficaram no dia, entre 20 a 40 segundos” (MALINI, 2007, p. 242). Com o excesso de tráfego nos seus servidores, os portais de informação não conseguiam ficar estáveis e foi então, por meio de mídias cidadãs, como blogs, que os leitores conseguiam muitas notícias sobre o acontecido. Isso foi um grande exemplo, para o autor o melhor exemplo de colaboração entre o jornalismo cívico (nome que usa para o jornalismo participativo) e os grandes meios de comunicação de massa.

O diferencial da cobertura blogueira, nesse momento, em relação às mídias tradicionais como rádio e televisão, foi que os blogs traziam informações sobre quem se salvou e o que foi visto por quem estava por perto. Eles, de certa maneira, supriam a busca pelo conforto. E foi então a partir dessa data que a participação do leitor como produtor de informação passou a ser valorizada e a

função de produtor/receptor de informação passa a ser ocupada por qualquer pessoa interessada em produzir ou receber conteúdo.

O 11 de setembro provocou que(,) na Internet, começasse um movimento que, mais à frente, é apontado como evento fundador da recessão da mídia e da crise do jornalismo, já que a atenção do usuário – leitor, telespectador ou ouvinte – esteve em boa parte, durante o atentado, fragmentada em veículos que não somente das corporações midiáticas. (MALINI, 2007, p.246)

Grandes acontecimentos marcaram então o final da década de 90, do Napster a Seattle, dos blogs até as mídias sociais, todos esses acontecimentos estão conectados e foram apontando que o compartilhamento e o ativismo em rede faz com que a rede opere de outra forma. Com essas atividades, a rede se transmutou em um espaço mais colaborativo e possibilitou a produção de mídias livres. Se, durante o início da década de 90, a rede estava nas mãos de grandes portais provedores de acesso e das grandes empresas de tecnologia, no início do século XXI, uma grande mudança atinge a Internet. A rede passou a funcionar de maneira colaborativa, o novo momento possibilita a qualquer um combinar dados de fontes, são diversas possibilidades criativas de produção e distribuição de informação e opinião.

Essa combinação entre colaboração e comportamento emergente faz surgir um novo tipo de mídia, que militantes e estudiosos da comunicação têm chamado de mídias livres, um conjunto diversificado de experiências sociais que envolve a produção de TV, rádio, jornal, sites, realizados por sujeitos comuns, com ou sem uma formação específica no campo da comunicação, mas que são capazes de mobilizar recursos e públicos em torno de veículos de comunicação criados, de forma coletiva e participativa, a partir de modos de vida próprios, com uma agenda de notícias/informação voltada a públicos específicos.

No ambiente do movimento político midialivrista, há uma busca pelo estabelecimento de políticas democráticas da comunicação, além de políticas de participação popular no campo da comunicação e a criação de uma ferramenta colaborativa que reúna diversas iniciativas de mídia livre e contemple a diversidade de atuação dos veículos e dos midialivristas. Esse movimento político vai ao encontro da ideia de comunicação como direito humano e quer alcançar a inclusão pela pluralidade e a gestão coletiva de informação. Para Ivana Bentes

(2008), em palestra durante o primeiro Fórum de Mídia Livre⁶, no campus da Universidade Federal do Rio de Janeiro, os “midialivristas devem se apropriar das novas tecnologias de comunicação a fim de ampliar sua atuação e oxigenar a mídia tradicional, hoje presa ao corporativismo e a uma linguagem reducionista e reprodutora de preconceitos sociais de toda ordem”.

A mídia livre é também uma mídia colaborativa, uma vez que, de forma simples e acessível, gera um compartilhamento de ideias e facilita a sua própria formação. É importante ressaltar que essas iniciativas de mídias livres englobam não somente produções online de iniciativas colaborativas, mas também manifestações artísticas e culturais além de coletivos e grupos que contribuem para o livre fluxo dos mais diversos conteúdos.

Nesse contexto, diversos exemplos de mídias livres podem ser apresentados como resultado dessa mobilização política, como a criação de pontos de mídia livre, nos mesmos moldes dos Pontos de Cultura criados pelo Ministério da Cultura, iniciativas de comunicação compartilhada, incluindo sites, rádios, fanzines, revistas, blogs, TVs, coletivos e outras mídias. Dentre esses é interessante destacar a produção da revista Global, que é uma produção colaborativa que privilegia o debate entre os vários participantes da lista de discussão da Universidade Nômade. Além disso, um outro exemplo é o do Coletivo Intervezes que é formado por diversos associados de inúmeras partes do Brasil que produzem ações locais de mídias livres. Já a nível mundial, o Agora Vox se destaca na produção coletiva de jornalismo participativo com uma plataforma multimídia que dá voz ativa a qualquer cidadão interessado em publicar notícias. Neste trabalho, iremos apresentar um exemplo de produção midialivrista que está presente em todo território brasileiro que é o Fora do Eixo.

Essas iniciativas são práticas que atravessam a rede e envolvem a colaboração como diferencial ao contrário do vasto processo de homogeneização que cerca os velhos conceitos de jornalismo. A massa, antes traduzida em audiência, transfigura-se em uma multidão produtiva, reconfigurando o processo

⁶ Relato da palestra disponível no blog “Vi o Mundo” < <http://www.viomundo.com.br/voce-escreve/forum-revigoramovimento-pela-democratizacaoda-midia/>>. Acessado em 02/10/2009.

comunicacional, que deixa de se caracterizar pela unidirecionalidade homogeneizante e passa a ser pluridirecional e, por isso mesmo, heterogêneo.

Potencialmente, a Internet possibilita uma produção distribuída a partir de seus *peers* em um modelo de comunicação de todos para todos, o que contribui para o aumento da multiplicidade de expressões singulares no ciberespaço. Portanto, essas iniciativas funcionam como um meio de troca de ideias, formação de um espaço midiático compartilhado, pluralidade de vozes e produção descentralizada de conteúdo.

1.2 Construindo o Fora do Eixo

Não chegar ao ponto em que não se diz mais EU, mas ao ponto em que já não tem qualquer importância dizer ou não dizer EU. Não somos mais nós mesmos. Cada um reconhecerá os seus. Fomos ajudados, aspirados, multiplicados. (DELEUZE & GUATARRI, 1995,p.11)

Deleuze e Guatarri (2005) ao contar sobre a produção de seus livros nos apresentam que a escrita não pode ser caracterizada como algo imanente aos autores, mas como uma união de saberes, vivências e influências. O livro é então uma multiplicidade. Para então propor uma teoria das multiplicidades, os autores apresentam o conceito de rizoma, que é o próprio ponto de partida para se pensar as multiplicidades por elas mesmas e ao mesmo tempo é a própria multiplicidade.

Na botânica o rizoma é um tipo de caule que cresce horizontalmente, algumas vezes subterrâneo, outras vezes com partes aéreas. Mas que tem formas diversas e é totalmente ramificado. Ele funciona de maneira oposta à árvore, modelo em que todos os pontos estão ligados a um ponto central. Deleuze e Guatarri ampliam essa definição ao apresentarem o rizoma, este tipo de caule, em conjunto com a terra, o ar, os animais etc. Dessa forma, os autores apresentam o rizoma a partir de alguns princípios.

Em primeiro e segundo lugar, há o princípio de conexão e de heterogeneidade, “qualquer parte de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo” (DELEUZE & GUATARRI, 1995, p.15). Dessa forma, o rizoma é distinto do descentramento do sujeito, da negação da genealogia, da afirmação de uma heterogênese em oposição à ordem filiativa do modelo de árvore raiz. Isso porque ele não fixa ponto nem ordens, e nada remete necessariamente a outra

coisa. O rizoma busca efetuar o descentramento sobre outras dimensões e outros registros, sem centrá-los ou cercá-los, mas atravessando-os, conectando-os.

O princípio de multiplicidade vem em terceiro lugar. E é preciso pensar o múltiplo efetivamente como substantivo, pois é aí que ele não tem mais nenhuma relação com uno como sujeito ou objeto, como realidade natural e espiritual, como imagem e mundo. Isso porque a multiplicidade não constitui sujeito e muito menos objeto, mas apenas determinações, grandezas e dimensões "*que não podem crescer sem que se mude de natureza*" (DELEUZE & GUATARRI, 1995, p. 16).

As multiplicidades se definem pelo fora, pelas linhas que compõe um rizoma. Dessa forma, existem somente linhas e não pontos, linha abstrata e linha de fuga. O plano de imanência (ou plano de consistência) é o fora de todas as multiplicidades, e nele a linha de fuga marca ao mesmo tempo:

a realidade de um número de dimensões finitas que a multiplicidade preenche efetivamente; a impossibilidade de toda dimensão suplementar, sem que a multiplicidade se transforme segundo esta linha; a possibilidade e a necessidade de achatar todas essas multiplicidades sobre um mesmo plano de consistência ou de exterioridade, sejam quais forem suas dimensões. (DELEUZE & GUATARRI, 1995, p.17).

Em quarto lugar, os autores apresentam o princípio de ruptura a-significante. "Um rizoma pode ser rompido, quebrado em um lugar qualquer, e também retoma segundo uma ou outra de suas linhas e segundo outras linhas" (DELEUZE & GUATARRI, 1995, p. 18). O rizoma é então formado por linhas de segmentariedade que organizam, territorializam e põem significado. Entretanto, ao mesmo tempo ele também compreende linhas de desterritorialização que o permitem fugir sem parar. Dessa forma, cada vez que há uma ruptura no rizoma, as linhas segmentares explodem numa linha de fuga, lembrando que essas linhas de fuga também são parte do rizoma. As linhas estão sempre se remetendo umas as outras e uma linha de fuga, em uma ruptura, pode encontrar-se com elementos que reordenam o conjunto e reconstituem o sujeito.

Para terminar, os autores apresentam em quinto e sexto lugar, o princípio de cartografia e de decalcomania. Outra característica do rizoma é que ele não pode ser justificado por nenhum modelo gerativo ou estrutural. Ou seja, se a lógica arborescente é uma lógica do decalque, da reprodução, a lógica do rizoma é a lógica do mapa. Isso porque "o mapa é aberto, é conectável em todas as suas

dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantes” (DELEUZE & GUATARRI, 1995, p.22).

No entanto, é preciso tomar cuidado para não se restaurar um dualismo binário por meio da oposição do sistema de decalque ao mapa. O decalque precisa ser projetado sobre o mapa, ele pode estruturar o rizoma e codificá-lo. Entretanto, “o que o decalque reproduz do mapa ou do rizoma são somente impasses, os bloqueios, os germes de pivô ou os pontos de estruturação” (DELEUZE & GUATARRI, 1995, p.23).

Portanto, o rizoma é feito somente de linhas, conecta um ponto qualquer com outro ponto, os seus traços não remetem necessariamente a traços da mesma natureza. Além disso, ele não tem começo nem fim, mas está sempre no meio, entre as coisas. Dentro então dessa análise da estrutura rizomática, é possível pensar em vários aspectos do projeto Fora do Eixo que serão apresentados adiante neste trabalho.

Criado no ano 2000 em Cuiabá, o coletivo Fora do Eixo foi no primeiro momento nomeado como Espaço Cubo. O foco era ser um local formulador, articulador e promotor de políticas voltadas ao campo da cultura. Na realidade, era um grupo de jovens unidos para tentar articular agentes da cultura em Cuiabá, trocar serviços e promover eventos e produtos artísticos e de comunicação.

O contexto era aquele da crise da indústria fonográfica em meio aos novos modelos de negócio vigentes e o crescimento da Internet como já apresentamos anteriormente. O objetivo inicial era criar mercado para a cultura produzida nos mais diversos cantos do país. Ou seja, criar novos modelos de circulação de cultura enquanto os antigos modelos de cultura ainda coexistiam. Isso incluía estimular a circulação de bandas, o intercâmbio de tecnologia de produção e o escoamento de produtos fora do eixo Rio-São Paulo.

Foi então no final de 2005, a partir de uma parceria entre produtores e coletivos das cidades de Cuiabá (MT), Rio Branco (AC), Uberlândia (MG) e Londrina (PR) que nasceu o circuito Fora do Eixo. O grupo decidiu então privilegiar o uso da tecnologia como uma forma de produzir e difundir a cultura. Foi

então esse uso que alcançou grande visibilidade ao circuito e possibilitou que o projeto se tornasse uma das iniciativas contemporâneas mais relevantes no campo da produção musical brasileira.

Se inicialmente o foco e as ações de mercado do coletivo eram mais favoráveis ao setor da música, hoje o Fora do Eixo tem ações integradas a todos os coletivos e a todas as linguagens. Ou seja, fortalece o conceito de multilinguagem. O circuito passa então a ser visto como multiplicador da cultura, uma rede de coletivos que fomenta a cultura e também estimula a formação de seus agentes culturais.

Em 2012, o circuito está em 26 unidades federativas do Brasil, em três países da América Central e um país da América do Sul.

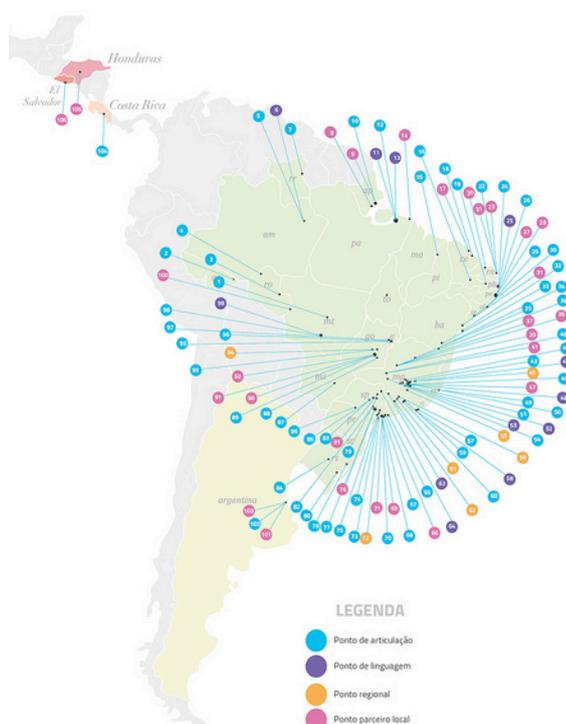


Figura 1: Mapa de Pontos do Fora do Eixo em março de 2011.

O funcionamento do circuito está baseado em três frentes: frentes temáticas, frentes mediadoras e frentes produtoras que serão apresentadas adiante neste trabalho. Essa divisão foi feita no final de 2010 com a expansão do

projeto para que as atividades do circuito fluíssem de maneira leve e assim como o rizoma, não dependerem de um ponto central de comando.

É importante ressaltar que essas frentes são formadas pelos produtores de diversos pontos Fora do Eixo de todo Brasil. Além disso, em cada frente, os produtores são responsáveis pela concepção dos projetos desenvolvidos pela rede assim como pela aplicação nas cidades.

Dessa forma, compreender o funcionamento do circuito Fora do Eixo, através da metáfora do rizoma, é perceber que essa produção conjuga fluxos desterritorializados. Ou seja, assim como o rizoma o circuito não se limita e funciona apenas em territórios determinados, em estruturas hierárquicas. Ao contrário, mesmo ao se tentar fixar limites utilizando círculos de convergência, novos pontos se estabelecem dentro e fora desses círculos. Além disso, são feitas várias novas conexões em diversas outras direções. Como ocorre nas interações entre as frentes de trabalho do circuito.

1.3 Frentes Temáticas

A primeira divisão de trabalho do circuito foi nomeada então de Frentes Temáticas. Essa é a área que representa as linguagens artísticas, culturais e sociais envolvidas no circuito. A função principal dessa área é definir a atuação da rede e mobilizar novos agentes de forma permanente. Dessa forma, as frentes temáticas estão relacionadas à Música, à Universidade Livre Fora do Eixo, ao Partido da Cultura, ao Clube de Cinema Fora do Eixo, ao Palco Fora do Eixo e ao Fora do Eixo Letras.

A música faz parte da história do circuito Fora do Eixo desde as primeiras reuniões e é um dos grandes destaques da produção Fora do Eixo. Essa área reúne agentes musicais como bandas, músicos e pessoas interessadas no desenvolvimento do cenário musical nacional.

Em todo o Brasil, o núcleo da música está presente e busca mobilizar agentes para expandir as redes musicais locais. A primeira preocupação dessa área é em relação à circulação e à distribuição de bandas, artistas, agentes e

produtos culturais. Sendo assim, os festivais foram a principal forma encontrada para que os artistas independentes pudessem entrar em diversas plataformas musicais. Para se ter uma ideia, só em 2011, foram 13.500 artistas circulando num total de 5.152 shows em todo país.

Um dos grandes responsáveis por essa circulação de bandas e artistas é o Festival Fora do Eixo. Em 2010, ele foi realizado em São Paulo e no Rio de Janeiro. A proposta principal desse festival é gerar a circulação de forma sistemática das principais bandas do circuito em casas noturnas de São Paulo e do Rio de Janeiro, que tem hoje o principal destaque na mídia pelo espaço cedido para a nova cena musical.

O Festival Fora do Eixo em São Paulo, em 2010, teve uma equipe de 28 pessoas trabalhando três diferentes linguagens, contou com a presença de 13 bandas e um público médio de 700 pessoas. Já a versão carioca tinha 14 integrantes na equipe, trabalhou com apenas uma linguagem, recebeu 14 bandas e teve um público médio de 1.500 pessoas. O festival sempre ocorre paralelamente ao Congresso Fora do Eixo e além dos shows promove então debates com convidados buscando discutir o atual momento da cultura para além da rede Fora do Eixo.

Outro espaço de circulação musical são os Tours Fora do Eixo. Essas funcionam por meio de princípios do circuito como hospedagem e alimentação solidária, troca de serviços e otimização de custos. Dessa forma, as turnês se tornam mais sustentáveis facilitando a circulação de produtos culturais e a troca de informação. Com esse projeto os artistas e bandas conseguem interagir ainda mais entre si e com o público. Além disso, há também um crescimento por meio das viagens e do encontro com outras realidades. Em geral, as turnês circulam pelos Pontos Fora do Eixo em todo o Brasil, e cada região é responsável pela organização dos eventos e pelas agendas de shows.

Um outro projeto musical do circuito que merece destaque são as Noites Fora do Eixo. Esse evento é realizado pelos coletivos integrantes da rede Fora do Eixo. O diferencial é que nesse evento é preciso que na sua programação sempre se tenha uma atração de outro coletivo. Esse intercâmbio musical teve em 2010

mais de 500 edições possibilitando a circulação de cerca de 1.500 artistas independentes. Além disso, é também uma oportunidade de distribuição de produtos, de imersão e de troca de experiências entre os membros dos coletivos. Essas ações fortalecem a rede, uma vez que esse projeto também incentiva a hospedagem solidária, a moeda solidária, a transmissão por webtv e webrádio.

Em último lugar, destacamos ainda na área musical do circuito o Festival Grito Rock. Este é realizado em diversas cidades brasileiras e sul-americanas no período do carnaval. Em 2010, foram 138 shows no Sudeste, 95 shows no Centro-Oeste, 83 shows no Norte, 42 shows no Nordeste e 38 shows no Sul. Só ele teve 133 edições em todo Brasil e na América Latina.

Em 2012 será realizado em 200 cidades entre 17 de fevereiro e 17 de março se tornando assim o maior festival integrado do mundo.

A programação conta além dos shows com conferências, debates, workshops, mostras de artes integradas, multimídia e feiras. Em média, estão envolvidos cerca de 800 grupos musicais além de produtores e jornalistas.

No Brasil, o festival é conhecido, sobretudo, pelo seu aspecto colaborativo, pelo estímulo a troca de tecnologias e grande plano de mídia, através de modelos de negócios que vêm viabilizando as atividades produtivas do setor musical independente na atualidade.

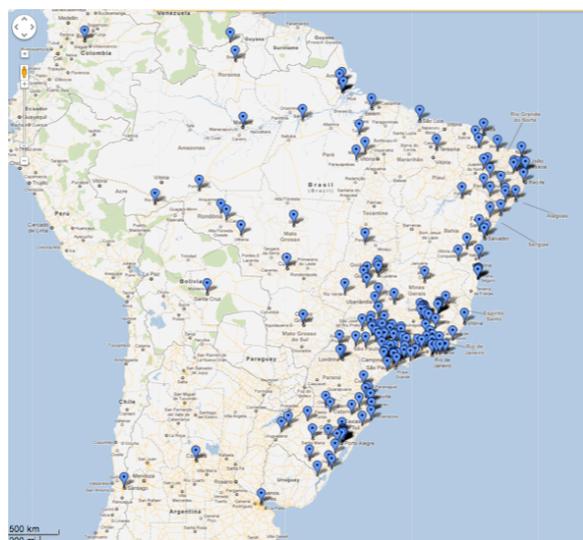


Figura 2 Mapa das cidades por onde o Festival Grito Rock passará em 2012.

Em segundo lugar, as frentes temáticas contam com a Universidade Livre Fora do Eixo (UniFDE). Essa surge pela necessidade de organização, sistematização e difusão do conhecimento produzido pelo Circuito Fora do Eixo. Além disso, é também um hiperlink da rede com as universidades brasileiras e instituições de ensino formais e não-formais. Isso porque o circuito busca estabelecer diálogos com estudantes, professores, parceiros e entidades na tentativa de construir e democratizar tecnologias sociais, conhecimentos teóricos e práticos mais sustentáveis ligados ao tema da cultura. Como nos apresenta Ivana Bentes (2012):

As ações estruturantes do Fora do Eixo funcionam como "simulacros" (como na definição de Deleuze em "Platão e os Simulacros") que rivalizam com as instituições existentes. Ou seja, o Fora do Eixo cria "duplos" disruptivos das instituições tradicionais para rivalizar com elas e disputar o discurso. Por isso a nomenclatura paródica: Banco Fora do Eixo, moeda Fora do Eixo, Universidade Fora do Eixo, Partido da Cultura etc. Não se trata de um desejo de "institucionalização", mas apontar para a potência do comum em criar novos mercados, economia, sistema financeiro, sistema de formação e educação. Disputar mundos, como propõe Félix Guattari em Caosmose e na sua filosofia política. (BENTES, Ivana. Notas de Aula, 2012)

A UniFDE também tem como objetivo estimular o debate e a geração de propostas para novas metodologias de formação a partir da premissa de livre acesso ao conhecimento. A universidade livre Fora do Eixo funciona então por meio de cursos de uma a duas semanas para compartilhar o saber em torno de produção, administração, comunicação e sustentabilidade dos coletivos. Vale ressaltar que a UniFDE se destaca por valorizar a formação livre, alcançada por meio das faculdades da rua e da vida, ampliando a formação para além do ambiente acadêmico.

As frentes temáticas também estão relacionadas ao Partido da Cultura (PCult). Este envolve uma mobilização nacional de abrangência ampla e irrestrita a todo movimento cultural que procura agrupar entidades, instâncias e foros de discussão e deliberação em torno de um debate que visa identificar candidatos a disputar as eleições que estejam realmente comprometidos com as pautas estratégicas da cultura em nosso país.

É importante ressaltar que o PCult não é um novo partido político, mas usa essa nomenclatura para promover ações que aprofundem o debate e o comprometimento de candidatos com a temática cultural e com as demandas estratégicas da cultura no campo da gestão pública.

Esse projeto surgiu nas eleições de 2010 e tornou-se uma mobilização suprapartidária que tem o intuito de fortalecer a presença do setor cultural nos parlamentos e nos governos.

Em quarto lugar, encontramos desde 2009 o Clube de Cinema. Esta é a frente de realizadores audiovisuais dos coletivos da rede. Eles trabalham em busca de potencializar o cenário cultural alternativo do audiovisual. Há um incentivo do circuito para que os pontos locais Fora do Eixo trabalhem com núcleos audiovisuais de forma colaborativa.

Em 2010 a rede também incorporou aos seus projetos o Palco Fora do Eixo. Esta é área dedicada às artes cênicas e visa estimular e horizontalizar ações e experiências coletivas. Isso ocorre por meio do compartilhamento de informações e tecnologias buscando propor o fomento de um mercado autoral, independente, alternativo e autossustentável. As linguagens do teatro, do circo, da dança, da performance e de outras manifestações cênicas e corporais estão presentes nessa frente.

Tanto no clube de cinema, quanto no palco Fora do Eixo, há então uma valorização dessas manifestações artísticas não só como entretenimento, mas também como conhecimento e ferramenta de formação que mantém uma relação intrínseca com as políticas públicas.

Em sexto e último lugar, dentro das frentes temáticas, está o Fora do Eixo Letras. Esse projeto envolve a palavra, seja ela na forma escrita, falada, visual, sonora, multimídia, interativa, dentre outras. Esse projeto funciona por meio da criação e da sistematização de ações que envolvam o incentivo do uso da literatura dentro do circuito.

Dessa forma, as frentes temáticas representam o eixo das diversas linguagens presentes no circuito. Essa área distribui a produção artística/cultural pelo Brasil e fomenta a mobilização de agentes culturais que possam por meio da criatividade e do uso de iniciativas livres gerarem a circulação de artistas em todo o território brasileiro e também na América Latina.

1.4 Frentes Mediadoras

A segunda grande área do circuito Fora do Eixo são as Frentes Mediadoras. Essas surgiram com a função de gerar o fluxo entre as Frentes Temáticas e as Frentes Produtoras da rede. Nessa frente, há a elaboração de mecanismos de sistematização, mapeamentos, pesquisa, concepção, execução, sustentabilidade e dinâmica entre os indivíduos e as frentes participantes do sistema solidário do Circuito, democratizando todas as tecnologias e as decisões aprovadas pelos membros da organização, provocando a transversalidade entre todas as Frentes.

Dessa forma, as Frentes Mediadoras estão subdivididas em três áreas. A primeira é a Articulação Política que envolve os Conselhos Gestores, Ação Política e Institucional (escritório e casa Fora do Eixo) e Plenária Geral. A segunda está relacionada ao Banco Fora do Eixo que trabalha o Fundo Fora do Eixo, o Núcleo Jurídico, o Sócio Ambiental, a Pesquisa, os Projetos e os Arranjos Criativos Locais. Já a terceira diz respeito ao Centro Multimídia Fora do Eixo. Este envolve Assessoria, Artes Visuais, Webtv, Webrádio e Cidadão Multimídia.

Dentro da Ação Política e Institucional há uma análise do funcionamento e expansão dos pontos Fora do Eixo. Esses pontos são os centros de funcionamento do circuito em diversas localidades no Brasil, os seus integrantes são membros de coletivos, artistas e produtores culturais ligados ao circuito. Em 2009, havia 43 pontos locais Fora do Eixo, sendo 9 na região centro-oeste, 8 na região nordeste, 8 em Minas Gerais, 7 na região norte, 6 em São Paulo e no Rio de Janeiro, 5 na região sul e nenhum na América Latina. Já em 2010 há um grande crescimento nos pontos Fora do Eixo da região sudeste com 16 pontos em Minas Gerais, 16 pontos em São Paulo e no Rio de Janeiro, 12 na região

nordeste, 11 na região centro-oeste, 8 na região norte, 8 na região sul e 2 na América Latina, totalizando 73 pontos Fora do Eixo.

De acordo com os dados disponibilizados no início de 2012, é impressionante o crescimento do circuito no Brasil. São no total 106 pontos Fora do Eixo na América Latina, sendo 49 na região sudeste, 20 na região nordeste, 15 na região centro-oeste, 13 na região norte, 3 na região sul e 6 em outros países na América Latina.

É importante destacar que hoje um dos principais pontos de encontro dos integrantes do circuito é a Casa Fora do Eixo em São Paulo. Esta funciona como uma das sedes da rede e tem em sua área espaço de moradia, escritório, área de vivências e casa de show. A ideia é que a Casa funcione como auxiliadora dos coletivos da rede, facilitando a realização de programas desenvolvidos a diversos setores culturais.

Além disso, a Casa também funciona como um suporte de hospedagem e alimentação para os artistas/agentes culturais do circuito que passam por São Paulo. O objetivo é que esse espaço possa proporcionar intercâmbios de conhecimento, vivências e imersões. Em 2011, cerca de 5.000 pessoas passaram pela Casa Fora do Eixo de São Paulo e dessas 2.000 ficaram hospedadas. Um ponto interessante é que a Casa é aberta a todos os públicos e não somente a integrantes do circuito, o objetivo é ser referência como um espaço de trocas, debates, construção de parcerias e um espaço de formação.

Dentro dos pontos locais do circuito, o Banco Fora do Eixo é um dos grandes destaques. Isso porque é essa frente que tem por objetivo equacionar a relação entre os projetos e as estratégias concebidas pelas frentes temáticas e o trabalho executado pelas frentes produtoras. Trata-se então de uma frente de mediação, que passa por todas as frentes do circuito buscando criar alternativas sustentáveis de desenvolvimento das ações.

A ideia principal do Banco Fora do Eixo é produzir novas formas de captação de recursos que sejam capazes de gerar sustentabilidade aos empreendimentos no campo da cultura. Surgiu como desafio para ajudar os

artistas, produtores, gestores e outros profissionais da cultura a trabalharem melhor os recursos econômicos.

Dessa forma, há uma mudança na economia que é bem abordada pelo conceito de Cauda Longa do Chris Anderson. Se antes o destaque era para os *blockbusters*, ou seja, os mais vendidos, esse foco passa a ser direcionado ao mercado de nichos. Essa mudança gera uma economia da abundância, isso porque, se antes a produção e a distribuição de produtos e conteúdos custavam caro e eram escassas, no mercado de nicho, com o uso da tecnologia, é possível produzir de maneira mais fácil e barata, além disso, a web gera o acesso mais fácil a todos os produtos e não somente aos sucessos. Dessa forma, a facilidade de busca faz com que a demanda não se limite mais a poucos sucessos que antes eram disponíveis, passa-se a ter acesso a uma incontável gama de produtos e conteúdos selecionados para cada nicho. Esses são então os principais meios pelos quais se possibilita a livre circulação do conhecimento a partir da distribuição online.

Assim, ao representarmos o fenômeno da calda longa graficamente (figura 3), encontramos um gráfico em que no seu início há um grande pico de vendas por produtos. No mercado tradicional, com o fim desse pico, essa quantidade de produtos rapidamente acabaria. Entretanto, com a Internet, ultrapassam-se as barreiras físicas das prateleiras e pode-se distribuir uma quantidade muito maior de produtos. Sendo assim, o gráfico continua numa linha contínua para a direita, formando a cauda longa. Isso representa uma grande quantidade de produtos vendendo pelo menos uma unidade. Em conjunto, esses produtos de nicho, podem gerar um lucro muito maior do que o mercado de hits. Para Chris Anderson, é essa a tendência que ocupa os mercados atuais, e é também esse processo que explica o sucesso de iniciativas como o iTunes, Netflix, Amazon, Ebay entre outros.

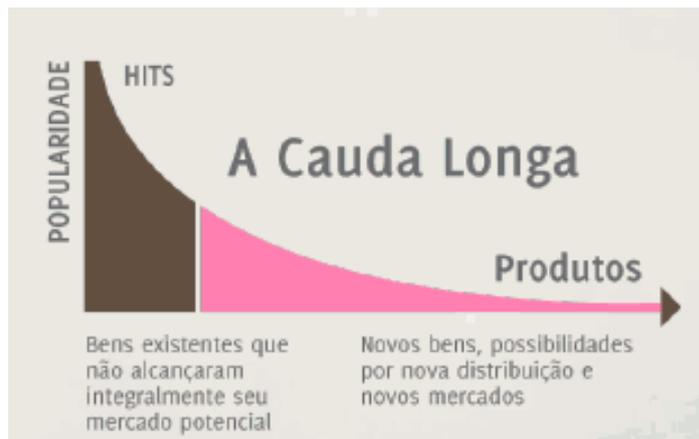


Figura 3 Gráfico de representação do funcionamento da Cauda Longa.

Sendo assim, no mercado dos micro hits e da Cauda Longa é importante otimizar recursos e ser criativo no uso de novas alternativas que possibilitem a autogestão dos atores envolvidos nessa cadeia. O Banco Fora do Eixo tem então essa função, para que, por meio dessa mediação, seja possibilitada a distribuição de produtos culturais de maneira mais eficaz tanto para os profissionais da cultura quanto para a comunidade.

Para que isso ocorra, um empreendimento importante do Banco Fora do Eixo são as moedas sociais. Essas são partes fundamentais da economia solidária e surgiram como uma alternativa à troca. São consideradas instrumentos de desenvolvimento local ao beneficiar o mercado de trabalho de grupos que participam da economia de uma certa localidade.

O uso da moeda solidária é restrito e a sua circulação gera benefícios, uma vez que redistribui os recursos na esfera da própria comunidade. Dessa forma, na medida em que há um aumento da quantidade de moeda social circulando significa que houve um aumento das transações realizadas pelos participantes da economia local. A moeda social tem então a função de auxiliar a diminuir o poder centralizador da economia capitalista globalizada uma vez que, por meio da sua circulação restrita, essa promove a inclusão social. Pablo Capilé, produtor cultural e um dos coordenadores nacionais do circuito Fora do Eixo, explica de maneira simples esse funcionamento:

Ao invés de todo mundo ir comprar no Carrefour, você tem uma moeda solidária na própria comunidade em que todo mundo consome dentro da comunidade, ao invés de ir dar a grana para um supermercado. Então

“você tem uma moeda complementar, você tem bancos de trocas, então as pessoas chegam com os seus serviços, depositam horas de serviço em troca, então você tem outras comunidades em que o cara vai lá e deposita duas horas de serviço de pedreiro e recebe duas horas de dentista porque tem um depósito de dentista feito ali e eles estabelecem estas trocas” (Pablo Capilé em entrevista)⁷

Buscando trabalhar elos entre parceiros em potencial e fortalecer afinidades e processos de trocas constantes surgiu então o Fora do Eixo Card. O desafio dessa moeda é funcionar de modo complementar à moeda nacional, mas desenvolvendo as economias locais. É preciso lembrar que esse processo faz parte das práticas colaborativas e paradigmas do século XXI.

A Fora do Eixo Card (FdE\$) foi implementada então na Casa Fora do Eixo em São Paulo, pensando em fortalecer ainda mais os processos de trocas em nível nacional. Essa é então uma ampla rede de trocas solidárias envolvendo profissionais, gestores, grupos, organizações e outros possíveis parceiros, além de outras moedas sociais do circuito. O intuito final é então promover alternativas de geração de recursos para os agentes integrados a essa rede, que podem então acessar o banco de serviços e produtos disponíveis.

Todos os participantes da rede colaborativa ao redor do Fora do Eixo podem trocar serviços e produtos (=cards) entre si. Dessa forma, a união da moeda social (FdE\$) com a moeda corrente (R\$) gera sustentabilidade e autogestão de empreendimentos econômicos. Em 2010, o FdE\$ financiou 55% dos serviços e produtos gerados pelo Fora do Eixo, deixando apenas 35% de financiamento em real (R\$).

Já em 2011 foram cerca de 52% de FDE\$ (moeda do Banco Fora do Eixo) utilizados nos arranjos produtivos locais, 20% na elaboração de projetos, 16% no planejamento e gestão, 6% na gestão de recursos e fundo Fora do Eixo, 4% em negócios e 2% em mapeamento.

Além disso, há também um núcleo dedicado à organização financeira dentro do Banco Fora do Eixo, este é o Fundo Fora do Eixo. Ele funciona como um caixa coletivo que se organiza de acordo com a necessidade institucional e

⁷ Entrevista completa disponível em < <http://www.producaocultural.org.br/wp-content/themes/producaocultural/integra/integra-pablo-capile.html> > Acesso em 10/01/2012.

dos projetos dos coletivos. Ou seja, os mecanismos de investimento e acesso são geridos por um conselho gestor do circuito que determina os momentos e os modos de uso dessa renda. É interessante ressaltar que, em 2010, o fundo Fora do Eixo teve um balanço econômico de movimentação total de R\$9.875.370,00 e FDE\$ 11.736.913,00.

Dentro do circuito há também o núcleo jurídico que foi criado para assessorar o circuito e também os pontos locais Fora do Eixo em questões judiciais e extrajudiciais bem como produzir material teórico com fins de difundir conhecimento e orientação das atividades da rede.

Além disso, um dos mais novos núcleos ligados ao Banco Fora do Eixo é o Sócio Ambiental. Este foi criado em 2010 e busca atender a demanda de planejamento da sustentabilidade sócio ambiental dos eventos e dos coletivos ligados ao circuito.

Uma outra área de trabalho do circuito é a área de pesquisa e mapeamento. O objetivo desse eixo é aperfeiçoar a sistematização e os indicadores do circuito. Há, por exemplo, uma tabela de sistematização única, nomeada Compacto.Rec. Essa facilita a coleta de dados e pode ser aplicada nas ações dos coletivos da rede.

Além disso, esse núcleo incentiva a criação de cartilhas e tutoriais entre as frentes de trabalho do circuito, visando mapear a rede e assim incrementar os seus modos de uso e trabalho.

Dentro do espaço reservado aos projetos, para melhor organização do circuito e sistematização das atividades foi criado um Banco de Projetos e Mapeamento de Editais. Após essa criação, de 2009 para 2010 o número de projetos elaborados foi de 22 para 91, crescendo 309%.

Para exemplificar, só em 2010, o Fora do Eixo inscreveu em diversas áreas 91 projetos e teve 11 projetos aprovados. Também se inscreveu em 37 editais e 7 destes foram aprovados.

Dentro do Banco Fora do Eixo, há ainda um núcleo específico para o desenvolvimento da extensão de todo o acúmulo de conhecimento e atividades geradas no circuito. Este é o núcleo de Arranjos Criativos Locais. Para cada ponto da rede, há então um diagnóstico da realidade com a criação de estratégias para o desenvolvimento dos coletivos.

Em 2010, uma das principais atividades do núcleo foi o mapeamento geral dos coletivos, buscando o diagnóstico da realidade de cada um, a criação da Coluna FDE para a formação de novos coletivos e a criação de oficinas sobre modos de organização coletiva.

Além disso, houve também o desenvolvimento das moedas complementares dos pontos de referências regionais do norte (palafita card), SP/RJ (marcianos) e nordeste (lumoeda) lançadas no Congresso Fora do Eixo 2010.

Dentro desse projeto foi então registrado que em 2010 havia 6 moedas coletivas utilizadas em 32 coletivos. Eram elas a Marcianos, inicialmente criada pelo coletivo Massa Coletiva de São Carlos, SP; a Cubo Card que veio do Espaço Cubo de Cuiabá, MT; a Goma Card do coletivo Goma de Uberlândia, MG; a Lumoeda original do Lumo Coletivo de Recife, PE; a Patativas da Rede Ceará de Música de Fortaleza, CE e, por último, a Palafita Card do Coletivo Palafita de Macapá, AP.



Figura 4 Imagem das moedas Marcianos e Cubo Card, respectivamente.



Figura 5 Imagem das moedas Goma Card e Lumoeda, respectivamente.



Figura 6: Imagem das moedas Patativas e Palafita Card, respectivamente.

Vale ressaltar também que o núcleo realizou campanhas como as de Valores FDE, Hospedagem Solidária, Monte sua Moeda e crítica literária do Observatório FDE Musical.

Já dentro do Centro de Multimídia Fora do Eixo, o primeiro ponto de destaque é a assessoria de imprensa. Essa envolve a produção de matérias para o portal Fora do Eixo, veiculação de notícias locais explorando o potencial da rede para a Agência de Notícias Fora do Eixo, além de produção de matérias para o site nagulha.com.br entre outras atividades.



Figura 7 Parte do trabalho da Assessoria de Imprensa Fora do Eixo.

Na questão das artes visuais, o destaque é para o design Fora do Eixo. Este é responsável por desenvolver e aplicar a identidade visual do circuito e

demais empreendimentos da rede, produção de material de divulgação. Também trabalha os templates e as artes para o layout dos veículos de comunicação do circuito, além de criar e desenvolver produtos para a Fora do Eixo Distro.



Figura 8 Alguns produtos desenvolvidos pelo Design Fora do Eixo.

Há também a webtv que envolve a realização do programa Circuito Fora do Eixo semanalmente, spots institucionais, transmissão ao vivo de eventos e festivais do circuito, produção de conteúdo exclusivo para o site nagulha e também pesquisa e veiculação de conteúdo para o blog Clube de Cinema Fora do Eixo (com diários de produção, impressões sobre filmes, aberturas de editais etc.).

Quanto a webrádio, esta tem como principais atividades a elaboração de tutoriais de transmissão ao vivo, criação de spots e vinhetas para rádio, atividades de formação como oficinas e produções colaborativas durante o ano e também nos festivais do circuito. Além disso, há também a criação de novas estações transmissoras em todas as regiões do país e a realização de parcerias com novos veículos de comunicação e projetos de mídia livre, tecnologia e produção cultural.



Figura 9 Fotos Ilustrativas do funcionamento da webrádio.

Sendo assim, as frentes mediadoras ganham destaque pelo incentivo e produção de mídia nos mais diversos pontos do Fora do Eixo. A webtv e a webrádio têm aberto portas para o compartilhamento de informações não só sobre o circuito, mas sobre diversas iniciativas livres, por meio de debates promovidos pelo circuito e transmitidos em tempo real na Internet. Vale ressaltar ainda que o Centro de Multimídia Fora do Eixo é aberto para colaborações de diversos agentes do circuito, independente de terem ou não uma formação específica na área da comunicação.

Outro fator de destaque dessa frente é a iniciativa do uso da Economia Solidária. Isso porque esta permite maior circulação de renda entre os participantes do projeto além de possibilitar acesso de diversas pessoas da rede a diferentes serviços por meio do sistema de trocas.

1.5 Frentes Produtoras

A terceira área de trabalho do circuito envolve as Frentes Produtoras. Estas são as principais responsáveis pela execução dos trabalhos demandados pelas Frentes Temáticas da rede. São elas que convertem a idealização de um projeto no papel para a prática, transformando as ideias em realidade.

Estas também têm três subdivisões. A primeira envolve a Tecnoarte que trabalha as Tecnologias livres, Estúdios, Compartilhamento de Conteúdo, Ao Vivo. A segunda envolve o Intercâmbio, que trabalha a Agência e os Eventos. A terceira área trabalha a Distro. Esta envolve os selos locais Compacto.Rec e as banquinhas/loja FDE.

Dentro da área de trabalho tecnoarte, há grande destaque para as tecnologias livres. Isso porque esse núcleo é diretamente responsável pelo acesso e pelo fomento de programas em tecnologias livres. Há uma preocupação especial dentro do circuito com a consideração do software livre como ferramenta essencial para o aperfeiçoamento conceitual do circuito no que tange às tecnologias. É importante destacar que o circuito não determina o uso de alternativas livres, mas busca incentivar a adoção e a migração para as soluções livres.

Isso porque o software livre é uma questão de liberdade. “Para entender o conceito, você deve pensar em “liberdade de expressão”, não em “cerveja grátis”. Refere-se à liberdade de os usuários executarem, copiarem, distribuírem, estudarem, modificarem e aperfeiçoarem o software.” (SILVEIRA, 2004, p.1) Ou seja, para ser livre o software precisa respeitar a liberdade dos usuários, liberdade de redistribuir cópias do programa, cobrando por elas ou não e liberdade de produzir versões modificadas do programa. Todos esses processos são feitos com o intuito de que toda a comunidade possa ser beneficiada pelas melhorias introduzidas nos softwares. Sendo assim, o circuito compreende que a escolha pelo uso do software livre é uma escolha ética e política, que reafirma o direito de aprender e compartilhar esse conhecimento com os outros. É então por isso que há esse incentivo para que os membros do circuito optem pela migração para opções livres.

Em relação aos estúdios, em 2010 somente cinco coletivos possuíam estúdios próprios e aproximadamente 10 coletivos desenvolvem parcerias com estúdios locais. Dessa forma, esse núcleo é dedicado à realização e ao fomento da produção ou parceria de estúdios para o desenvolvimento de gravações artísticas que envolvem desde faixas musicais até webrádios.

Além disso, a área dedicada ao compartilhamento de conteúdo trabalha por meio de blogs. O principal, o Blog da TECA, é responsável pelo armazenamento de todas as atividades da frente e dos coletivos da rede e de seus mapeamentos. É, então, por meio dessa tecnologia que o circuito compartilha os conteúdos técnicos produzidos como campanhas, tutoriais, mapeamentos e textos para todos os coletivos do Brasil em tempo real.

Já o último núcleo da área Tecnoarte é o Ao Vivo. Este trabalha diretamente com a realização, o fomento e a qualificação da produção de palco, luz e som especialmente do segmento musical, potencializando a qualificação técnica das bandas e dos artistas do cenário independente.

A partir de um mapeamento desenvolvido pelo núcleo, todos os pontos da rede trabalham com eventos, entretanto, um fato preocupante para o circuito e para a qualidade técnica do cenário independente é que somente 13 coletivos têm

um núcleo de técnicos de sonorização, entre *roadies* e diretores de palco, constituídos.

Em relação à segunda área das Frentes Produtoras, o intercâmbio tem sido um diferencial do circuito. Isso porque este trabalha com a agência e com os eventos. Em 2010 foram 5 mil bandas circulando pelas ações da rede entre *tours*, eventos e festivais institucionais e próprios dos coletivos.

Essa área trabalha então com o fomento de *tours* e o agenciamento artístico, especialmente no segmento musical. Além disso, há também uma preocupação com a realização, a qualificação e o fomento de eventos. O objetivo maior é então potencializar a circulação e o mercado de artistas, bandas e agentes culturais do cenário independente. Entre os principais eventos institucionais estão as Noites Fora do Eixo, o Grito Rock e o Festival Fora do Eixo. Em 2010, a rede realizou 3.000 eventos entre institucionais e próprios dos coletivos, gerando uma média de 70 eventos por coletivo. É importante lembrar que o circuito também se dedica à realização de eventos de formação como é o caso do observatório Fora do Eixo e do congresso Fora do Eixo.

A terceira e última área das frentes produtoras envolve a Distro. Essa trabalha com a distribuição de produtos de artistas independentes pelo Brasil por meio das banquinhas em eventos e da loja Fora do Eixo em São Paulo.

Dentro da Distro, o Selos Locais é o núcleo das marcas do circuito que busca potencializar o lançamento principalmente de produtos musicais, físico ou virtualmente. O Selo Fora do Eixo incentiva a criação de selos locais com objetivo de projetar bandas e artistas para ampliar o posicionamento dos mesmos no mercado independente. Algumas das parcerias de destaque são a dos selos Travolta Discos e Alvo Discos que ampliaram os pontos de distribuição das bandas e dos produtos do selo Fora do Eixo. Em 2010 foram 17 selos no circuito, 6 artistas lançados pelo Fora do Eixo e 51 artistas lançados pelos coletivos locais.

Há também dentro do circuito um núcleo de distribuição virtual do Fora do Eixo, chamado de Compacto.Rec e que produz uma coletânea virtual de bandas da cena independente.

Essa ideia tem uma estrutura universal, podendo ser utilizado para qualquer linguagem cultural. Como exemplo, o Compacto.Rec do Observatório Fora do Eixo que distribui *podcasts*, vídeos e críticas literárias.

Algumas bandas lançadas pelo núcleo de distribuição virtual são Porcas Borboletas, Boddah Diciro, Rinoceronte, Linha Dura, Johnny Suxxx, Nevilton, Uganga, Coletânea GR, Leptospirise, Jair Naves e Monograma. Em 2010, foram cerca de 7.886 downloads de músicas dessas bandas.



Figura 10 Alguns álbuns lançados pelo Compacto.Rec.

Por último, o circuito também tem as banquinhas em eventos da rede e a loja Fora do Eixo na Galeria do Rock em São Paulo que são o núcleo de distribuição física dos produtos culturais, com destaque para CDs e camisetas de bandas independentes.

Há também um incentivo constante para a realização de lojas e bancas em todos os pontos do circuito no Brasil. E ainda existem as rodas de trocas que visam articular pontos de distribuição para o desenvolvimento de negócios pautados na venda ou na troca de produtos culturais. Essa é então uma maneira de promover o equilíbrio da diversidade de produtos disponíveis nos pontos de distribuição e constrói um campo de comercialização direta e coletiva com os empreendedores da rede. A região de São Paulo detém 31 % das banquinhas por região, 24% em Minas Gerais, 19% no Nordeste, 14% no Norte e 12% no Centro-Oeste.

As frentes produtoras são, portanto, a área responsável pela execução dos projetos do circuito. Além de promover as ações, os coletivos também são incentivados a colocar em prática os princípios do circuito, como o uso de tecnologias livres e a circulação de produtos por meio das banquinhas.

1.6 Repercussões e Influências

No atual momento do capitalismo, que será trabalhado em detalhes mais adiante nesta dissertação, a criatividade e a inovação são valorizadas não somente na manifestação artística, mas também no modo de produção, no processo como um todo. Sendo assim, com o objetivo de entender e intervir na cena cultural contemporânea o Fora do Eixo tem então construído novas redes e funcionado como um movimento social e cultural. Isso porque o modelo do circuito está articulado em rede e ocupa espaços estratégicos na sociedade.

Essa experiência de gestão cultural aposta na livre circulação das obras e das produções e usa, de forma criativa, as novas tecnologias de comunicação. Sendo assim, o circuito conseguiu baratear os custos de produção e reprodução de bens culturais facilitando então a circulação e a divulgação desses produtos.

É importante ressaltar que, em diversos momentos, o circuito é criticado pelo uso de moedas complementares, trocas de serviços e vida em comunidade. Isso ocorre uma vez que essas práticas podem parecer alternativas demais para o mercado tradicional.

Paradoxalmente o Circuito Fora do Eixo é considerado "comercial" demais para os "alternativos". Ou ainda horizontal demais para a Indústria da cultura tradicional e "apropriador do comum" para os que não reconhecem que um "circuito" cultural (de shows, de exibição de filmes, etc.) pode ser o embrião de um movimento cultural. Numa perspectiva purista do "comum" se enxerga nessas dinâmicas uma nova forma de apropriação da gratuidade, da inteligência coletiva, da afetividade. Uma apropriação do comum na "mesma" forma do Capitalismo Cognitivo. Ou seja, visões igualmente dualistas, que deixam de analisar como as bases materiais da construção do circuito Fora do Eixo é a mesma do "movimento social e cultural". (BENTES, Ivana. Notas de Aula. 2012)

Além disso, há o questionamento do foco nos festivais e não diretamente no músico, já que, por exemplo, há uma constante captação de recursos para a produção dos festivais e não diretamente para o cachê dos artistas.

Na verdade, o artista que participa do circuito, além de ganhar maior visibilidade também é sempre remunerado. Entretanto, o Fora do Eixo defende que o músico assim como o empreendedor ou o produtor deve saber investir no seu próprio negócio, entendendo, portanto, que o retorno nem sempre é imediato.

Isso porque a questão não é apenas “monetizar” os artistas, mas gerar ações estruturantes da cadeia da música, do circuito de produção cultural entre outros. Há então um dualismo remuneração X gratuidade. O circuito tensiona essa dualidade e procura equacioná-la de diversas maneiras. Isso ocorre na medida em que não há um “modelo” para a resolução desse impasse, que deve então ser encarado de forma singular e analisando-se os diversos processos e dinâmicas que desencadeiam.

Sendo assim, a proposta é de um circuito forte uma vez que gerar a circulação de músicos, realizadores e formadores só aumenta o “capital simbólico” de filmes, realizadores, produtores e do próprio circuito. Dessa forma, a questão da remuneração, que tem sido trabalhada pelo Fora do Eixo, é na verdade um impasse que envolve todo o campo cultural brasileiro.

Quanto mais se baixa música gratuitamente na internet, mais se vendem essas mesmas músicas. Quanto mais um filme circula nos micro-circuitos mais possibilidade de ser exibido em outras janelas, mais debates, oficinas, e propostas para novos filmes. Ou seja, o circuito (circular, debater, fazer oficinas, etc.) agrega valor, mesmo que não seja “remuneração imediata” tanto para indivíduos quanto para o Circuito Fora do Eixo. “Monetizar” o “incomensurável” (o que não tem uma medida) é hoje um desafio e um problema no Capitalismo Cognitivo que não tem uma resposta-modelo para as diferentes dinâmicas. (BENTES, Ivana. Notas de Aula. 2012)

Esse modelo trabalha então a re-significação do valor por meio da criação do Banco Fora do Eixo, do uso de moedas complementares e das experiências de formação livre. Além disso, o projeto se destaca pela mobilização e pela potencialização do comum por meio da exposição pública e transparente do modo como são usadas as verbas do projeto. Todos os valores e indicadores das ações realizadas são divulgados pela Internet e são apresentados a nós no site do congresso Fora do Eixo de 2011:

Compartilhar estas informações é uma ação que reforça o caráter de código aberto defendido pelo FdE e também funciona como uma provocação: quais outras iniciativas tem seu código aberto, tecnologias compartilhadas e publiciza suas informações detalhadamente? Dos estudos ao “Império do Empírico”, a rede se destaca – principalmente – pela capacidade de multiplicar os dividendos através

da sistematização da troca de serviços, atuando na teoria e prática dos processos da Economia Solidária. (Trecho retirado do site do Congresso Fora do Eixo 2011⁸)

O circuito tem então gerado novos imaginários, novos valores e novas linguagens. Isso acontece na medida em que artistas, músicos e cantores surgem por meio da distribuição Fora do Eixo que tem atravessado não somente o Brasil, mas também a América Latina. Enquanto a indústria cultural lança um artista, ao redor do Brasil, pelos pontos Fora do Eixo, são centenas de talentos emergindo por meio das construções e expressões coletivas dentro e fora do circuito Fora do Eixo. A organização em rede potencializa então o ativismo e as propostas de formação livre nas grandes capitais, mas principalmente nas pequenas cidades e periferias do interior do Brasil.

⁸ Trecho retirado do site < <http://congresso.foradoeixo.org.br/2011/12/22/fora-do-eixo-2011/> > Acesso em 22/12/2011.

2. Breve Histórico do Movimento Político Midialivrista

Alguns acontecimentos marcaram a história da sociedade e provocaram uma alteração de mentalidades. Um desses acontecimentos foi o Maio de 1968 francês, que transformou o modo do mundo compreender as mulheres, os direitos humanos, a liberdade sexual e também fez com que a sociedade se voltasse para a produção de conhecimento e para afetividade.

Para refletir então sobre as formas de intervenção social comunicativa, vamos apresentar neste capítulo os acontecimentos do Maio de 1968, além de apresentar o modo de funcionamento da comunicação popular, comunitária, alternativa e tática. Isso será feito no intuito de observar os atores que as compõem, as diferenças, as características de cada uma dessas formas para podermos pensar então como se deu a formação das chamadas mídias livres.

2.1 O Maio de 1968

A década de 60 ficou marcada pelos movimentos sociais que criticavam os valores e as convenções da classe média. O movimento hippie, por exemplo, ficou conhecido em todo o mundo pelos seus ideais de “sexo, drogas e rock and roll”. Além do visual despreocupado que, em geral, envolviam cabelos compridos e roupas rústicas, esses movimentos tinham, como principal foco, rejeitar a banalidade da sociedade moderna e também ter direito de expressar os desejos sexuais e instintos individuais livremente.

Em 1968, muitas revoltas aconteceram em todo mundo, a juventude continuava a buscar mais liberdade ao invés da ordem estabelecida e da sociedade de consumo. A busca pela renovação dos valores veio acompanhada pela proeminente força de uma cultura jovem. O movimento do Maio de 68 simbolizou então o auge de um momento de intensas transformações políticas e comportamentais que marcaram a segunda metade do século 20, no Ocidente.

Sendo assim, na França, as transformações sociais que já vinham ocorrendo durante uma década, nos Estados Unidos e em outros países da Europa e da América Latina foram concentradas em um só mês. O início foi no dia dois de maio de 1968 quando aconteceu a primeira manifestação. Os estudantes franceses da Universidade de Nanterre fizeram um protesto contra a divisão dos

dormitórios entre homens e mulheres. Na verdade esse era só um pretexto para reivindicar o fim de posturas conservadoras. Sendo assim, com esse primeiro incidente, outros universitários franceses e grupos políticos partidários se envolveram nos protestos contra os problemas vividos na França, e então, por meio da televisão, o episódio ficou conhecido por todo mundo.

No dia 10 de maio, os estudantes criaram barricadas nas ruas de Paris para confrontar a polícia e a partir desse momento os choques com a repressão foram intensos. No dia 13 de maio, foi organizada então uma greve geral de 24 horas em Paris que contou com mais de 10 milhões de trabalhadores exigindo melhores condições de trabalho, a greve contou com diversas ocupações de fábricas que passaram então a ser administradas a partir de um sistema de autogestão. Em seguida, a mobilização alcança então o seu auge, uma vez que Paris amanheceu sem metrô, ônibus, telefones e outros serviços.

Durante as manifestações, sem ter uma força bélica, os manifestantes atiravam pedras contra os policiais. Além disso, diversas frases foram marcantes nesse processo e consideradas por muitos as mais ousadas da segunda metade do século 20. “Frases como ‘a imaginação no poder’ e ‘sejam rápidos e (sic) cruéis, antropófagos’ e ‘é proibido proibir’ tomaram os rumos da cidade.” (COHN & PIMENTA, 2008, p. 08). Por meio então de discursos, cartazes e manifestações os estudantes queriam chamar a atenção da sociedade para os novos tempos e a liberdade. Essa propaganda inscrita em muros e paredes era, portanto, parte integrante do movimento revolucionário que acontecia em Paris em maio de 1968.

O governo nesse momento estava sob o comando do general Charles De Gaulle que era marcado por ser muito conservador e fechado. Essa postura fazia parte das perdas sofridas na Segunda Guerra Mundial. As escolas funcionavam com muita disciplina, as mulheres tinham o costume de pedir autorização dos maridos para poderem expressar uma opinião e ser homossexual era um diagnóstico de doença.

Dessa forma, com o tempo, os estudantes passaram a exigir a renúncia do presidente Charles de Gaulle e a convocação de novas eleições gerais. Pressionado pelos episódios, o presidente francês se refugiou em uma base militar alemã. Além disso, Charles de Gaulle concedeu um abono de 35% ao salário mínimo e convocou novas eleições. Com isso, os trabalhadores deixaram a manifestação e voltaram a trabalhar.

Entretanto, nas eleições os políticos ligados a Charles de Gaulle conseguiram uma vitória expressiva, e o presidente saiu então do episódio com a imagem de um líder que é capaz de contornar os problemas enfrentados pela sociedade da época.

Vale ressaltar que, apesar das eleições, houve uma grande mudança no modo de constituição e pensamento da sociedade francesa. As artes, a filosofia e as relações afetivas se tornam então o espaço de ação desse mundo marcado pelas mudanças. Muitos conflitos já cercavam as universidades do mundo todo, entretanto, após a explosão do Maio francês outras manifestações se intensificaram.

Na Alemanha, em um período de reconstrução pós-guerra a manifestação nasce nos meados dos anos 60. Há um destaque para junho de 1967 quando a polícia acidentalmente mata o estudante Benno Ohnesorg, em Berlim Ocidental, durante uma manifestação contra o xá do Irã.

No entanto, foi em 1968 que o movimento em defesa do pacifismo, do ecologia, do feminismo e das correntes alternativas explodem. O estopim foi a tentativa de assassinato do líder radical Rudi Dutschke e o movimento foi liderado pelos estudantes que eram principalmente influenciados pelas ideias da Escola de Frankfurt.

Já na Itália as manifestações estudantis foram nomeadas de “maggio rampante” e conseguiram integrar o mundo operário. Elas começaram de 1966 com auge em 1968 e terminaram no outono de 1969. No entanto, diferentemente do que aconteceu na França, na Itália o Partido Comunista italiano se mostrou aberto ao diálogo com os estudantes. Essa onda de manifestações possibilitou então muitas mudanças, dentre elas a liberação do divórcio em 1970 e do aborto em 1978.

Outros protestos também ocorreram nos países do Leste Europeu, como Polônia, Tchecoslováquia e Iugoslávia. Essas protestavam pelo afrouxamento do comunismo de influência soviética que era considerado rígido e burocrático.

O Maio de 68 foi então marcante na sociedade por mudar profundamente as relações entre raças, sexos e gerações não só na França, mas também na Europa. Com o passar dos anos, as manifestações colaboraram para gerar ideias como a das liberdades civis democráticas, dos direitos das minorias e da

igualdade entre homens e mulheres, brancos e negros, heterossexuais e homossexuais.

2.2 Comunicação Popular, Comunitária, Alternativa e Tática

Logo após os protestos mundiais reflexos do Maio de 1968 francês, os movimentos populares dos anos 70 e 80 - o movimento do custo de vida, o movimento de moradia, o movimento contra o desemprego, o movimento de saúde, do transporte coletivo - no Brasil e na América Latina produziram uma nova forma de produção de comunicação que foi denominada popular. Esse modelo de produção de mídia era caracterizado por ser um processo que emergia da ação dos grupos populares.

“A comunicação popular foi também denominada de alternativa, participativa, horizontal, comunitária, dialógica e radical, dependendo do lugar social, do tipo de prática em questão e da percepção dos estudiosos.” (SCHIECK, 2011, p.2). Alguns estudiosos distinguem essas nomenclaturas separando a comunicação comunitária como aquela que enfatiza o local, o território; a comunicação popular que está ligada ao povo (mulheres, associações de moradores, pastorais etc.); a comunicação contra-hegemônica que está ligada à questão política, ou seja, está contra uma ordem hegemônica de ideias estabelecidas e a comunicação alternativa como uma alternativa à grande mídia que não necessariamente está ligada às lutas de classes.

John Downing nos diz que as mídias alternativas “são expressões das culturas populares e de oposição e exprimem as prioridades e aspirações das culturas forçosamente excluídas” (2002, p.33). Já a comunicação popular é então caracterizada por tentar suscitar reflexões, gerar discussões e fazer com que assim a população tome consciência da realidade em que vivem. Dessa forma, esses meios são compreendidos como instrumentos de educação popular.

Cecília Peruzzo (2006) afirma que essa forma de comunicação é uma expressão das lutas populares e representa um espaço democrático para participação do “povo”, que pode expressar sua concepção de mundo e seus anseios. Sendo assim, a comunicação popular se torna então uma expressão das lutas populares por melhores condições de vida e um espaço para participação democrática da população. Dessa forma, durante os anos 70, 80 e início dos anos

90 a comunicação popular era presente principalmente em organizações de base, imprensa alternativa, oposição sindical metalúrgica, ONGs, setores progressistas da igreja católica ou entre militantes articulados em núcleos de produção audiovisual. Já as mídias alternativas eram então marcadas pelo modelo da contra-comunicação, ou seja, tentava-se “corrigir” a mídia convencional para depois tomar o seu lugar.

Com a chegada dos anos 2000, algumas mudanças ocorrem. A nomenclatura de mídias comunitárias passa a ter maior espaço na sociedade. Isso porque essas remetem a experiências com premissas de cunho coletivo. Em geral, desenvolvem projetos de desenvolvimento social por meio da comunicação. Esses segundo Schieck (2011):

envolvem bairros, entidades sem fins lucrativos, e às vezes se destinam especificamente a adolescentes e jovens. Podem assumir um misto de mídia comunitária e alternativa, numa dinâmica em que se descobre que a confecção de meios de comunicação pode mediar favoravelmente a melhoria da auto-estima, despertar uma perspectiva profissional e a construção da cidadania em áreas carentes. (SCHIECK, 2011, p.6).

À medida que a comunicação comunitária passa a ganhar destaque, o caráter mais combativo das comunicações populares, no sentido de contestação, vai perdendo espaço. Discursos e Experiências voltadas à cultura e à informação passam a preencher essa vaga. Isso aconteceu com a chegada de novas tecnologias da comunicação e a compreensão da comunicação como direito humano.

Sendo assim, algumas características em comum marcam essa comunicação comunitária, popular, alternativa ou participativa: são processos de comunicação baseados em princípios públicos como não ter fins lucrativos, possibilitar a participação ativa da população, ter propriedade coletiva, distribuir os conteúdos com o intuito de desenvolver a educação, a cultura e ampliar a cidadania. Esses esforços marcam a história brasileira, principalmente por criarem condições para que a população possa expressar a sua fala histórica, marginal e popular.

Há também um outro movimento denominado mídias táticas. Este surge nos anos 90 nos Estados Unidos e na Europa com o conceito do “*do it yourself*” (faça você mesmo). Este conceito surge então entre ativistas de mídia que buscavam explorar as potencialidades da comunicação por meio de uso das novas tecnologias digitais.

Esse modelo de intervenção mistura então arte, mídia e política e tem por objetivo questionar os padrões dominantes. Apesar de ter interesse político não é diretamente ligado a posições ideológicas fixas. Dessa forma, as mídias táticas têm por interesse não somente os conteúdos, mas também a forma estética como esses serão distribuídos. Para isso são utilizadas diversas linguagens como vídeo, rádio, teatro e espaços públicos, por meio de intervenções temporárias que pretendem oferecer modos diferenciados de ver o cotidiano.

Portanto, é importante perceber que todas essas formas de construção de mídia envolvem a produção de subjetividades e o envolvimento de pessoas tentando se expressar e criar sistemas de referências. O importante é compreender que tanto as mídias populares, alternativas, comunitárias e táticas são de certa forma a gênese das mídias livres enquanto forma de intervenção social comunicativa. As mídias livres, portanto, reúnem elementos dessas formas de comunicação em uma nova configuração que será apresentada adiante neste trabalho.

2.3A Mídia Livre

A escolha do Circuito Fora do Eixo como objeto de estudo desse trabalho foi por entender que esse projeto está dentro da ideia de produção de mídias livres. Isso ocorre uma vez que o circuito utiliza a comunicação como forma estruturante. Sendo assim, a comunicação dos eventos, ações, debates, shows é a forma mais marcante de organizar, dar visibilidade ao circuito e também articular o movimento Fora do Eixo.

Isso porque o circuito possui as principais características das mídias livres. Ou seja, ele emerge em um ambiente social democratizado, faz amplo uso das tecnologias digitais de comunicação e informação, trabalha em parceria com o Estado e o setor privado e há uma convocação aos participantes do circuito a se verem como “cidadãos multimídia”. Dessa forma, os ativistas são estimulados a produzir conteúdo nas redes sociais, micro-comentários, postar fotos e assim fazer das ações do Fora do Eixo uma base para problematizar questões mais amplas.

Vale ressaltar também que o circuito Fora do Eixo faz coberturas midialivristas dos mais diversos movimentos, como a marcha da liberdade (em

que fizeram parte da organização), o movimento do baixo centro de São Paulo, manifestações na Cracolândia, em Pinheirinhos e o protesto dos ciclistas. Dessa forma, o circuito cada vez mais se abre para o Fora do Eixo, o fora do Circuito, assumindo essa deriva de movimento cultural Fora do Eixo em um modelo em que o midialivrismo é estruturante.

Dessa forma, como apresentado anteriormente, a mídia livre representa uma maneira de intervenção política no campo da comunicação no Brasil. A sua formação é fruto e ao mesmo tempo recebe influência dos ideais dos movimentos de comunicação popular, comunitários e alternativos, em especial dos acontecimentos do Maio de 1968 francês.

A utilização e conceituação do termo mídia livre, ganhou força então a partir do segundo semestre de 2008. Emerge por caracterizar-se como uma possibilidade de intervenção social comunicativa no país. Isso acontece quando, em março, desse mesmo ano, um evento reuniu cerca de 50 pessoas entre jornalistas, artistas, acadêmicos e empresários do setor da comunicação. Estes se encontram para debater a comunicação brasileira, além de destacar situações de vitória, derrota e ideias sobre possíveis novas ações de mídia e cidadania.⁹ Segundo SILVA (2011):

Foi Joaquim Palhares, criador da Agência Carta Maior, quem convocou a reunião que, entre outros nomes, reuniu Bernardo Kucinski (autor de Jornalistas e Revolucionários nos tempos da Imprensa Alternativa e ex-funcionário da Secretaria de Comunicação da Presidência da República), Altamiro Borges (editor do Portal Vermelho), Ivana Bentes (professora e diretora da escola de comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro), Antônio Martins (Diplô Brasil), Renato Rovai (editor da Revista Fórum), Luiz Carlos Azenha (Blog Vi o Mundo, conhecido também pelos trabalhos em emissoras como Globo e SBT), Marcos Dantas (professor de jornalismo na PUC-Rio), entre outros.

O resultado desse encontro foi então a organização de um Conselho Executivo, que em reuniões seguintes elaborou a primeira versão de um manifesto que gerou as bases para organizar o primeiro Fórum de Mídia Livre no Brasil. Esse fórum surgia então com o intuito de abrir espaço para debates sobre as questões envolvendo a democratização da comunicação brasileira.

Sendo assim, aconteceu, em junho de 2008 na Escola de Comunicação do Rio de Janeiro, o I Fórum de Mídia Livre (FML), que reuniu cerca de quinhentas

⁹ A descrição completa da reunião pode ser encontrada em SAVAZONI, 2008.

peças¹⁰. É importante ressaltar que, internamente, o FML estava dividido em duas propostas de gestão do movimento. A primeira estava ligada à reunião de março de 2008 e destacava a maior democratização das verbas publicitárias públicas e mais restrita em termos de atores do movimento. Muitos defensores dessa ideia eram parte de empresas jornalísticas já constituídas que buscavam no FML uma chance para pressionar o governo. Por outro lado, a academia se preocupava em discutir a formação dos estudantes na área de comunicação além de gerar iniciativas de observatórios de mídia e ampliar esse debate para outros setores.

Com os debates ocorridos durante o FML, alguns objetivos foram modificados e foi então produzido a versão final do chamado “Manifesto de Mídia Livre”¹¹. Este foi assinado por 38 entidades, movimentos e instituições nacionais, 29 entidades, instituições e movimentos regionais, 25 veículos de mídia e 159 pessoas físicas entre jornalistas, estudantes e membros da sociedade civil em geral.

O documento tratava então de questões como a garantia integral do direito humano, a comunicação como condição básica para o crescimento democrático, e de críticas ao controle comercial dos sistemas de comunicação no Brasil. Além disso, havia propostas buscando fortalecer a ideia de mídia livre por meio de ações que incentivem o surgimento dessas iniciativas ou pelo fortalecimento de projetos já existentes que buscam trabalhar com políticas democráticas da comunicação.

Os trabalhos envolvendo as discussões da temática midialivrista tiveram continuidade então em janeiro de 2009 durante o Fórum Social Mundial, que ocorreu em Belém do Pará, quando o Ministério da Cultura lança o Prêmio Pontos de Mídia Livre. O prêmio¹² que foi inspirado nos Pontos de Cultura¹³ tinha por

¹⁰ Dados retirados do blog do evento, disponível em: <http://forumdemidialivre.blogspot.com/2008/05/lista-deinscritos-no-i-frum-de-mdia.html>. Acesso em 15/06/2011.

¹¹ Manifesto disponível na íntegra em: <http://www.forumdemidialivre.org/?tag=manifesto>. Acesso em 15/06/2011.

¹² O edital do prêmio está disponível em: http://www.cultura.gov.br/cultura_viva/ Acesso em 12/08/2011.

¹³ Os pontos de cultura são iniciativas sem fins lucrativos podendo ser públicas ou privadas. Esses são selecionados por edital público ou seleção direta e tem por função desenvolver atividades de formação, produção e difusão cultural junto a comunidade. São parte do Programa Cultura Viva e do Programa Mais Cultura do Ministério da Cultura.

objetivo reconhecer, registrar e estimular iniciativas de comunicação que funcionavam fora das grandes corporações midiáticas.

O projeto teve cerca de 400 inscrições de todas as regiões do Brasil. Era subdividido nas áreas de audiovisual, multimídia, rádio, impresso e web. Foram premiadas 82 iniciativas sendo 18 na categoria Regional-Nacional, que receberam um valor de R\$120 mil cada uma e 64 na categoria Local-Estadual que receberam R\$40 mil distribuídos individualmente. A região sudeste recebeu 51% dos prêmios, seguido do Nordeste com 26%, depois a região Sul com 13%, Centro-Oeste com 6% e Norte com 4%.

Ainda no ano de 2009, a Universidade Federal do Espírito Santo, em Vitória, recebeu o segundo Fórum de Mídia Livre. Também estiveram presentes cerca de quinhentas pessoas e nesse momento o debate era mais intenso em torno de uma maior organização em rede do movimento, além do fomento à formação de novos produtores de mídia por meio da troca de experiências. Além disso, também estava em questão o futuro dos Pontos de Mídia Livre.

Em 2010, houve a segunda edição do Prêmio Pontos de Mídia Livre e no primeiro semestre de 2012 acontecerá a segunda edição do Fórum Mundial de Mídia Livre.

Após todos esses acontecimentos, o termo mídia livre passa então a ser amplamente utilizado e divulgado. Como apresentado anteriormente nesse trabalho, muitas organizações não governamentais, coletivos, blogs, rádios livres e outros projetos como o circuito Fora do Eixo são considerados iniciativas midialivristas.

O termo mídia livre acaba, portanto, por definir formas autônomas de produção de mídia, em que os conteúdos tornam-se propriedade comum (através de mecanismos de licenciamentos públicos, como o Creative Commons), construídos a partir da participação (gerando novas formas de governo da informação, em que todos governam todos, através de mecanismos como karmas, moderação e metamoderação colaborativa). Há também novos conflitos sociais, à medida que tais mídias acabam por reduzir o tempo de atenção social dedicada às chamadas mídias irradiantes (de massa), cujo princípio de produção ainda é orientada pela lógica da representação, ou seja, poucos produzem a comunicação para os muitos.

Apesar de termos hoje uma multiplicidade de meios de comunicação constituídos na sociedade, estes não asseguram a diversidade informativa e a pluralidade de informações. Esses meios tratam-se, em geral, de indivíduos isolados, ligados aos grandes grupos de comunicação, que em muitos momentos divulgam mensagens incompletas ou até mesmo falsas. Os cidadãos comuns, que estão isolados, podem apenas lamentar esse tipo de produção de conteúdo.

Entretanto, se os cidadãos encontram-se interligados em rede, a discordância pode ganhar força e se tornar uma reivindicação concreta, como aconteceu em Seattle e também durante os eventos do 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos.

Dessa forma, as mídias livres compreendem que todo cidadão pode se tornar um potencial produtor de conteúdo, isso porque a diversidade de vozes e opiniões contribui para a difusão da informação de forma mais democrática. Além disso, o acesso pleno à informação é para os midialivristas uma condição necessária para que se possa haver o exercício da cidadania.

3. Do Biopoder a Biopolítica

o poder não é essencialmente repressivo (já que ele incita, suscita, produz); ele se exerce antes de se possuir (já que só se possui sob uma forma determinável – classe – e determinada – Estado); passa pelos dominados tanto quanto pelos dominantes (já que passa por todas as forças em relação). (DELEUZE. 2005, p.79).

Para então, pensarmos as relações de produção capitalistas em que hoje se inserem as mídias livres, precisamos antes compreender os diagramas maiores de poder presentes na sociedade. Dessa forma, há o poder disciplinar, que se estabeleceu entre o século XVIII e o século XX e caracterizou a Sociedade Disciplinar (como denominou Foucault). E também o controle, das Sociedades de Controle (como afirmou Deleuze), que faz parte da vivência contemporânea. Sendo assim, buscaremos mais a frente neste trabalho compreender como essas relações de poder foram configuradas. No entanto, primeiramente iremos ressaltar a noção de poder com a qual Foucault trabalhou e que utilizaremos durante o percurso deste trabalho.

Michel Foucault¹⁴ desenvolve uma concepção de poder baseada em três afirmações: o poder não é essencialmente repressivo, ele se exerce antes de se possuir e passa pelos dominados tanto quanto pelos dominantes. Isso porque para Foucault, o poder não é uma substância, mas um tipo particular de relação entre os indivíduos. Seu traço distintivo é o fato de certos homens poderem mais ou menos determinar a conduta de outros homens, mas jamais de forma coercitiva ou exaustiva.

Dessa maneira, nessas relações, o exercício de poder se configura quando há ação sobre ações. Para o autor, uma relação de poder é a ação que não age direta e imediatamente sobre os outros, mas que age sobre sua própria ação. É por isso que há uma relação fundamental entre o poder e a liberdade. O poder

¹⁴ Essa concepção foi apresentada por Deleuze em seu Foucault, 2005, São Paulo: Brasiliense.

tem como pressuposto a liberdade. Ou seja, o poder é a delimitação das ações possíveis. Assim, para Foucault, viver em sociedade é, de qualquer maneira, viver de modo que seja possível alguns agirem sobre a ação dos outros. O poder está constantemente ligado à produção de saber, isso porque não existe poder que não produza saber e nem saber que não pressuponha um poder.

Dessa forma, o autor apresenta o poder, como um jogo estratégico que não é ruim em si, mas funciona como uma estratégia e então depende de como é visto. Ele não tem essência e não é propriedade de ninguém. É na verdade, um conjunto de relações de forças em constante luta. Isso porque “O poder está em toda parte; não porque englobe tudo e sim porque provém de todos os lugares.” (FOUCAULT, 2009, p.103).

Dentro então do pensamento foucaultiano, podemos perceber que desde épocas remotas até a Revolução Industrial vivia-se a era das sociedades de soberania. Esta era marcada pelo poder totalmente visível, isto porque a sua força dependia de sua visibilidade. É um tipo de poder que se sustenta pela presença da figura do soberano; é o rei, enquanto corpo da lei, que faz toda a realidade política funcionar.

Dessa forma, o rei se confunde com a lei, ou seja, a relação soberano-súdito é a lei. Uma lei que se funda na proibição. Nesse momento, descumprir uma lei era considerado uma ofensa pessoal ao rei e, por isso, para que a ordem fosse mantida, o rei detinha então o direito de lançar uma máquina de violência contra o criminoso. Assim, o soberano detinha todo poder, e a punição dos seres era marcada pelo espetáculo (o corpo do supliciado, diante do corpo do rei na presença da população para servir de exemplo). Essa cerimônia buscava antes de matar o indivíduo, extrair do corpo todos os sofrimentos possíveis e assim reativar o poder e não reestabelecer a justiça. “A cerimônia do suplício, coloca em plena luz a relação de força que dá poder à lei” (FOUCAULT, 2005, p. 43). Entretanto, essa economia dos suplícios além de possuir um alto custo político também em diversos momentos causava, na população, um sentimento contrário ao do exemplo. Isso porque a população passou a debochar do poder imperial durante a execução pública dessas penas já que elas eram demoradas e injustas demais. Vale ressaltar que o povo, apesar de essencial para a realização dessas punições, acabava se tornando um incômodo à medida que os pedidos incessantes de

clemência e heroicização dos criminosos acabavam por questionar o poder do Soberano.

Porém, com o crescimento constante do humanismo no século XVIII, a ideia de punição foi gradativamente transformada à categoria de pura barbárie. É então essa mudança no exercício das punições juntamente com a invenção, nos séculos XVII e XVIII, de novos dispositivos de poder que alterou a gestão política das populações e fez com que houvesse a transição de uma nova sociedade. Isso porque esses mecanismos eram incompatíveis com as relações de soberania. Configuram-se então as sociedades disciplinares como sucessora das sociedades de soberania.

Algumas características marcam então a passagem da soberania para a disciplina. Enquanto o antigo regime, produtivamente, era apoiado na terra e nos seus derivados para desses extrair os bens e as riquezas, o novo se baseia nos corpos e nos seus atos, para assim extrair dos indivíduos o tempo e o trabalho. Se na soberania o poder era exercido de maneira descontínua e por meio de taxas e obrigações, na disciplina ele passa a ser exercido por meio da vigilância e controle constantes e, por isso, também surge um sistema minucioso de coerções como substituto da presença física e constante do soberano. Foucault ressalta que as disciplinas são técnicas que pouco a pouco foram difundidas em larga escala. Elas alcançam a sociedade do século XVI e, sobretudo, a dos séculos XVII e XVIII até se tornarem o modelo geral no século XIX.

A era disciplinar é marcada então pela produção de corpos dóceis: “é dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado” (FOUCAULT, 2005, p.118). Ou seja, os corpos dos indivíduos passam a ser treinados para que eles obedeçam e dessa forma possa-se tirar o melhor proveito do seu trabalho. Essa sociedade passa a ser marcada pelo confinamento, que é caracterizada pelo indivíduo em meio as diversas disciplinas nas quais é inserido, como a família, a escola, a fábrica, o quartel, o hospital, a prisão que se tornam dispositivos de produção e regulamentação dos hábitos e práticas produtivas como será apresentado mais adiante.

Além disso, em contraste com as sociedades de soberania, na sociedade disciplinar o poder já não tem mais um ponto central de poder com tanta força

como antes, mas agora funciona em vários pontos - ou disciplinas – de confinamento dos sujeitos. Ou seja, ele perde um pouco de sua visibilidade.

Dentro desse modelo, Foucault (2005), nos apresenta um dispositivo caracterizado por ser o aparelho disciplinar perfeito que capacitaria um único olhar a tudo ver permanentemente. Esse olhar foi então encontrado no modelo do Panóptico de Jeremy Bentham. Esse modelo pode ser descrito como um anel periférico onde se é totalmente visto sem nunca ver, juntamente com uma torre central onde se vê tudo sem nunca ser visto, ou seja, o poder devia ser visível e inverificável. Foucault descreve detalhadamente esse modelo em seu “Vigiar e Punir” (2005):

O Panóptico de Bentham é a figura arquitetural dessa composição. O princípio é conhecido: na periferia uma construção em anel; no centro, uma torre; esta é vazada de largas janelas que se abrem sobre a face interna do anel; a construção periférica é dividida em celas, cada uma atravessando toda a espessura da construção; elas têm duas janelas, uma para o interior, correspondendo às janelas da torre; outra, que dá para o exterior, permite que a luz atravesse a cela de lado a lado. Basta então colocar um vigia na torre central, e em cada cela trancar um louco, um doente, um condenado, um operário ou um escolar. [...] O dispositivo panóptico organiza unidades espaciais que permitem ver sem parar e reconhecer imediatamente. Em suma, o princípio da masmorra é invertido; ou antes, de suas três funções — trancar, privar de luz e esconder — só se conserva a primeira e suprimem-se as outras duas. A plena luz e o olhar de um vigia captam melhor que a sombra, que finalmente protegia. A visibilidade é uma armadilha (FOUCAULT, 2005, p.166).

Dessa maneira, como apresenta Migliorin (2008), o “panóptico materializa assim um sistema ideal de poder disciplinar em que ele se torna automático, se reproduzindo por hábito nos indivíduos, ao mesmo tempo em que se faz invisível e impessoal” (MIGLIORIN, 2008, p. 151). Ou seja, a lógica da visibilidade funciona à medida que são os dominados que se mostram e não os que naquele momento exercem o poder. Na fábrica, por exemplo, podemos observar esse modelo. Em geral, instalam-se câmeras de vigilância em todos os locais de trabalho – corredores, portaria, refeitório e salas de reuniões – entretanto, os monitores têm acesso restrito aos diretores ou sócios que são autorizados para isso. Uma única pessoa que não é vista, controla então, por meio de câmeras, todos os que estão

sobre a sua responsabilidade. Isso porque a sociedade disciplinar buscava principalmente tornar o exercício do poder menos custoso possível e gerar docilidade e utilidade em todos do sistema. Há então uma vigilância hierárquica constante, de um dispositivo “onde as técnicas que permitem ver induzam a efeitos de poder, e onde, em troca, os meios de coerção tornem claramente visíveis aqueles sobre quem se aplicam” (idem, p. 144).

Dessa forma, a vigilância hierárquica sobre os indivíduos permite a articulação de um poder com um saber, que se ordena em torno da norma (do que é ou não considerado normal), do que é correto ou incorreto, ou do que deve ou não fazer. Isso porque poder e saber são partes de um mesmo processo, uma vez que o poder produz saber, ele produz discursos de verdade, pelo qual “somos julgados, condenados, classificados, obrigados a tarefas, destinados a tal maneira de viver ou a certa maneira de morrer, em função de discursos verdadeiros, que trazem consigo efeitos específicos de poder” (FOUCAULT, 2009, p. 29).

Como nos apresenta Foucault, onde há saber, há poder e onde há poder, há resistência. Essa lógica funciona na medida em que, se o poder existe numa rede multiforme de relações, os pontos de resistência também se apresentam como multiplicidade. Dessa forma, as resistências são apresentadas como pontos e nós irregulares que se distribuem com maior ou menor densidade no jogo relacional com o poder, “às vezes provocando o levante de grupos ou indivíduos de maneira definitiva, inflamando certos pontos do corpo, certos momentos da vida, certos tipos de comportamento” (FOUCAULT, 2009, p. 106). Sendo assim, uma revolução só é possível por meio de uma codificação estratégica desses pontos de resistência, um pouco como o Estado só é possível se apoiando sobre uma multiplicidade institucional de relações de poder.

A disciplina pode então ser caracterizada, enquanto hábito, exercício que cria saberes e verdades que não apenas a justifiquem, mas apontem se o indivíduo se conduz ou não conforme as regras instituídas. As sociedades disciplinares eram dessa forma marcadas pelas instituições que treinavam e adestravam os corpos durante toda a vida dos indivíduos para assim aumentar a eficácia da produção. Cada instituição tinha sua função prática, onde se partia de uma norma e era em relação ao adestramento efetuado pela norma que era possível distinguir depois o normal do anormal.

A prisão seria para corrigir e normatizar os infratores, o hospício para guardar os doentes mentais, os hospitais cuidavam e acompanhavam os doentes por meio de diversos relatórios. A fábrica era o local de fiscalização dos operários, lá a produção era o que determinava o acúmulo e o crescimento econômico em que o produto era mero resultado disso. Os empregados passam a produzir mais e de maneira mais eficaz uma vez que podiam ser vigiados a qualquer momento. Dentro dessas instituições é preciso destacar a escola. Esta, além de ser responsável pela instrução, regulamentava a postura corporal e os hábitos de higiene dos alunos para alcançar uma boa educação. Além disso, a sala de aula era dividida entre os alunos retardados, os alunos que progredem e entre meninos e meninas. O objetivo era adestrar desde cedo o corpo da criança além de classificá-las entre normais (as crianças com desenvolvimento correto) e anormais (as que apresentarem alguma dificuldade de adequação). As anormais eram passíveis de correção para que elas se tornem um adulto produtivo.

Além disso, esses espaços eram então marcados e organizados pelos “lugares”, “celas” ou “fileiras”. Esses eram espaços que organizavam os indivíduos e garantiam a obediência dos mesmos. Ou seja, eram esses os espaços de confinamento. Em relação ao tempo, esse era um bem escasso. Havia um cuidado com o tempo, uma separação do tempo do trabalho e do tempo de vida. Isso porque havia um controle contínuo dos atos dos indivíduos no trabalho, serializando as atividades para melhor gerir o tempo e torná-lo útil.

Quanto à comunicação, na sociedade disciplinar, era organizada, por meio da linguagem, com a produção literária, artística, ideológica e suas instituições. Para Deleuze (1992), esta era caracterizada por um corte linguístico de criação de sentido e comunicação, ou seja, uma abstração. Dessa forma, esse corte de sentido era realizado por meio de operações lógicas que separavam o masculino do feminino, o centro da periferia, a lucidez da loucura, ou seja, era um claro sistema de identidades. Esse corte era então capaz de abstrair o mundo e transformá-lo em um sistema integrado; era, portanto, compatível com a lógica de confinamento da sociedade disciplinar.

O modelo de produção de midiática é voltado para a lógica do espectador, um modelo em que a informação é distribuída de um (o jornalista ou especialista detentor do conhecimento, e capaz de julgar o que é relevante) para muitos (uma massa incapaz de distinguir a realidade dos fatos). Esse modelo seguia o formato

fabril, das corporações e representa o momento de instauração do espetáculo midiático. Em busca da atenção as corporações midiáticas passam a simular padrões consensuais de conduta, opiniões, modos de ser e de viver. Além disso, essa era também é marcada pela produção dos processos de subjetivação que criam existências, vidas, heróis e vilões. Esse período tem seu auge nos jornais diários, nas centrais de produção de mídias e no cinema hollywoodiano.

No entanto, foi depois da Segunda Guerra Mundial (pós 1945), que a sociedade disciplinar que agia principalmente por meio do confinamento, da fábrica e da prisão entra em crise, como nos aponta Deleuze:

Reformar a escola, reformar a indústria, o hospital, o exército, a prisão; mas todos sabem que essas instituições estão condenadas, num prazo mais ou menos longo. Trata-se apenas de gerir sua agonia e ocupar as pessoas, até a instalação das novas forças que se anunciam. (DELEUZE, 1992, p. 220).

Nesse momento, as sociedades disciplinares se sobrepõem ao novo modelo de sociedades de controle. Isso porque a disciplina não deixa de existir, mas é expandida para o campo social de produção. O controle vai além dos limites impostos pela disciplina e pelo confinamento. Essa crise, surgida em favor das novas forças que se instalavam lentamente e que se precipitariam depois da Segunda Guerra Mundial, trouxe algumas mudanças significativas. Deleuze aponta que “o controle é de curto prazo e de rotação rápida, mas também contínuo e ilimitado, ao passo que a disciplina era de longa duração, infinita e descontínua” (DELEUZE, 1992, p. 224).

Além disso, a empresa, por exemplo, veio para substituir a fábrica, o operário deixa de ser vigiado constantemente, mas ganha metas a cumprir independente da carga horária que esse trabalho requeira. Na produção, o produto final passa a ser o foco de trabalho e nele se investem estratégias de marketing e vendas. Há também um crescimento de uma luta antimanicomial para acabar com a existência dos hospícios. Assim, o “louco” ou “anormal” passam a receber um tratamento terapêutico (que exclui a prisão), para uma doença específica. O hospital passa a ser apenas uma parte da grande rede de tratamento de saúde, envolvendo programas de prevenção e vacinação, atendimento familiar e monitoramento constante da saúde dos indivíduos por meio dos convênios de saúde.

No âmbito do ensino, a educação contínua foi a substituição para a escola. “Nas sociedades de disciplina não se parava de recomeçar, (...) nas sociedades de controle nunca se termina nada, a empresa, a formação, o serviço sendo os estados metaestáveis e coexistentes de uma mesma modulação” (idem, p. 221-222). Em seu Post-Scriptum sobre a sociedade do Controle (1992), Deleuze descreve a modulação como “uma moldagem auto-deformante que mudasse continuamente a cada instante, ou como uma peneira cujas malhas mudassem de um ponto a outro” (DELEUZE, 1992, p. 221). Ou seja, os controles são uma modulação e então da mesma maneira os confinamentos da sociedade disciplinar são os moldes, distintas moldagens. É nesse momento de crise que as sociedades disciplinares passam a funcionar agora como sociedades do controle. Assim, o poder se espalha por todo tecido social, ele se torna móvel, flexível e fluído, Deleuze afirma que o poder não age mais como molde e sim por modulações, constantemente aperfeiçoáveis.

Dessa forma, na sociedade do controle, algumas mudanças também são encontradas na área da comunicação, isso porque esse é um momento marcado pelo avanço dos meios de comunicação e pelo crescimento da alta tecnologia informática. O sistema de abstração presente na sociedade disciplinar aponta para formas de abstração ainda mais eficazes na sociedade de controle. A questão, nesse momento, é o surgimento de novos cortes, novas categorias, novos paradigmas e novas abstrações que se tornaram importantes, porque podem ser intercambiáveis, codificados, sem sentido, mas permutáveis.

A mídia fortalece ainda mais a sua posição como produtora de subjetividades que formam e orientam valores, opiniões, conceitos e verdades. Isso porque “o marketing é agora o instrumento de controle social” (DELEUZE, 1992, p. 224). A necessidade de consumir torna-se o modelo da sociedade do controle. O mercado não cessa de oferecer produtos mais modernos, novos serviços e técnicas de produção prontos para serem consumidos.

Entretanto, em meio há tantas ofertas com popularização das tecnologias de informação e comunicação, em conjunto com a expansão do acesso à Internet e com a evolução das interfaces criativas, o cenário da comunicação mundial vem sendo modificando substancialmente e possibilitado novas iniciativas midiáticas como a experiência das mídias livres.

Para Hardt e Negri (2001, p. 42), nesse novo momento os “mecanismos de comando se tornam cada vez mais ‘democráticos’, cada vez mais imanentes ao campo social, distribuídos por corpos e cérebros dos cidadãos”. Dessa forma, os espaços antes determinados pelas instituições passam nesse momento a se organizar em redes flexíveis e flutuantes. Já para Gilles Deleuze (1992), “Estamos entrando nas sociedades de controle, que funcionam não mais por confinamento, mas por controle contínuo e comunicação instantânea” (idem, p. 215-216).

Além das mudanças, no modo de gestão da sociedade, Foucault também ressalta uma passagem na gestão do poder em relação à vida dos indivíduos nos períodos de transição dessas sociedades. Até o século XVII, o soberano possuía o poder de causar a morte do indivíduo ou deixá-lo viver. A transição das sociedades da soberania para as sociedades disciplinares gerou então uma nova estratégia de gerir a sociedade. O poder passa a investir sobre a vida e seus modos de organização. Como afirma Foucault, “A velha potência da morte em que se simbolizava o poder soberano é agora, cuidadosamente, recoberta pela administração dos corpos pela gestão calculista da vida.” (FOUCAULT, 2009, p. 152). Dessa forma é constituído um biopoder¹⁵, que “faz viver e deixa morrer”. Este surge então com a função de gerir a vida, o poder passa a se desenrolar sobre a vida e a morte é o limite, o momento que lhe escapa. A era do biopoder pode ser compreendida então como o momento da sujeição dos corpos e o controle das populações. Como nos apresenta Foucault, assim como a disciplina foi utilizada para a docilização do corpo produtivo fabril, o biopoder foi fundamental para o desenvolvimento do capitalismo, ao controlar a população e adequá-la aos processos econômicos:

Este bio-poder, sem a menor dúvida, foi elemento indispensável ao desenvolvimento do capitalismo, que só pôde ser garantido à custa da inserção controlada dos corpos no aparelho de produção e por meio de um ajustamento dos fenômenos de população aos processos econômicos. (FOUCAULT, 2009, p.153)

Dessa forma, “A função mais elevada desse poder é envolver a vida totalmente, e sua tarefa primordial é administrá-la. O biopoder, portanto, refere-se a uma situação na qual o que está diretamente em jogo no poder é a produção e a reprodução da própria vida.” (NEGRI & HARDT, 2001, p.43).

¹⁵ O conceito de biopoder foi cunhado originalmente por Michel Foucault em seu História da Sexualidade I: a vontade de saber. O termo veio se juntar as reflexões sobre as práticas disciplinares como técnicas de poder co-existentes, complementares.

No entanto, da mesma maneira que a sociedade se transformou da disciplina para o controle, Negri e Hardt (2001) afirmam que o biopoder também se reformula. Para os autores, essa transição marca a passagem no modo de produção capitalista, que passa do industrial para o cognitivo, ou seja, volta-se aos serviços e às operações que envolvam os afetos e o intelecto, há então uma política da vida, uma biopolítica.

O termo biopolítica aparece pela primeira vez na obra de Michel Foucault, em uma palestra proferida por ele no Rio de Janeiro em 1974. Nessa palestra, intitulada “O nascimento da medicina social” (1979), Foucault defende a hipótese de que com o capitalismo não se deu a passagem de uma medicina coletiva para uma medicina privada, mas justamente o contrário; que o capitalismo, desenvolvendo-se em fins do século XVIII e início do século XIX, socializou um primeiro objeto que foi o corpo enquanto força de produção, força de trabalho. Em trabalhos seguintes, Foucault apresenta que o controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo. “Foi no biológico, no somático, no corporal, que antes de tudo investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade bio-política.” (FOUCAULT, 1979, p.80).

Foucault também ressaltou que nas artes de governar, onde nasce o biopoder, não se sobrepõem às disciplinas, na verdade, delas se valem junto com a biopolítica. O autor, ao constatar que esse pensamento motivava que cada indivíduo tornasse seu próprio empresário, acabava por criar a base do pensamento biopolítico contemporâneo.

Isso porque enquanto os liberais levantavam a questão de que ao se tornar empresário de si o indivíduo deveria se guiar unicamente pelos seus interesses, e que esse “egoísmo” geraria no bem comum da sociedade através da soma de interesses, os teóricos contemporâneos que trabalham com esse termo, adotam essa percepção liberal de maneira bem diferente. Esses autores entendem os indivíduos tornando-se empresários de si não devido a um egoísmo liberal, mas pela flexibilização das relações de trabalho. Dessa forma, como apontam Negri e Hardt, a biopolítica surge como a produção de relações sociais e formas de vida concretas.

Para os autores, o biopoder impõe a sua ordem, como uma autoridade soberana, enquanto “a produção biopolítica, em contraste, é imanente a sociedade, criando relações e formas sociais através de formas colaborativas de trabalho” (NEGRI & HARDT, 2005, p. 135). Em termos de algumas mudanças práticas, percebe-se que nas sociedades de controle, o que se vende não são mais produtos, e sim serviços e comunicação, e o que se compra são ações. O que interessa nesse momento é a força intelectual dos indivíduos e não a braçal.

Com o fim das lutas disciplinares, as reivindicações biopolíticas crescem e se sobrepõem ao biopoder. Ou seja, o motor da produção passa a ser encontrado na comunicação e na colaboração por meio da ação comum. Isso ocorre porque a biopolítica complexifica as valorações diferenciais, ou seja, não há mais o mesmo modelo para todas as vidas, essas agora reinvidicam o seu próprio modelo, o seu si. Dessa maneira, para Negri e Hardt (2001):

A linguagem, à medida que comunica, produz mercadorias, mas, além disso, cria subjetividades, põe umas em relação as outras, e ordena-as. As indústrias de comunicações integram o imaginário e o simbólico dentro do tecido biopolítico, não simplesmente colocando-os a serviço do poder, mas integrando-os, de fato, em seu próprio funcionamento.” (NEGRI, HARDT, 2001, p. 52).

Nesse momento não se trata mais de governar a alma, mas de governar a vida (biopolítica como estética da existência).¹⁶ Assim, a biopolítica coloca então em questão o interesse do capitalismo em capturar as potências subjetivas dos indivíduos e das populações. Ou seja, ela é o terreno das lutas, das resistências produtivas frente às tentativas do biopoder de modular e neutralizar as redes de cooperação. Dessa maneira, as reflexões sobre o capitalismo cognitivo e o trabalho imaterial, que veremos adiante, restabelecem, para Negri, algo que ele não identificava em nenhum outro autor que se voltou para o biopoder: a importância da produção para a biopolítica.

3.1 Capitalismo Cognitivo e Trabalho Imaterial

Como apresentado anteriormente, nas últimas décadas do século XX, muitas transformações permearam a sociedade. Dessa forma, à medida que o

¹⁶ No campo da produção cultural contemporânea podemos pensar que um exemplo, dessa mudança foi a saída de foco da Lei Rouanet, como uma espécie de Mecenato Moderno para a criação dos Pontos de Cultura e dos Pontos de Mídia Livre do Ministério da Cultura (Minc).

trabalho industrial perdeu a sua força, entra em seu lugar o trabalho imaterial. Esse é o “trabalho que cria produtos imateriais, como o conhecimento, a informação, a comunicação, uma relação ou reação emocional.” (NEGRI & HARDT, 2005, p. 149).

Negri & Hardt (2001) defendem então que vivemos hoje um processo de pós-modernização ou informatização, no qual deixamos uma economia moldada pela produção fabril e entramos em outra moldada pela prestação de serviços e produção de informação. Nesse sentido, “o novo imperativo administrativo é ‘trate o fabril como se fosse um serviço’” (HARDT & NEGRI, p. 307, 2001). Dessa forma, a produção industrial de informação entra em colapso, produzindo a descentralização da produção midiática na qual a rede é o principal suporte. Logo, a informação e a comunicação passam a ser as verdadeiras mercadorias produzidas e a rede se torna tanto lugar da produção como da distribuição de conteúdo. Estamos então em um processo de globalização avançado e fortemente marcado pela perda de soberania dos Estados-Nação.

Entretanto, até meados da década de 1960, o que predominava na sociedade era o capitalismo fordista ou industrial. Este era caracterizado por uma lógica de reprodução e repetição. A sua gestão combinava uma elevada mecanização da produção com mercadorias padronizadas. Nesse modelo, o conhecimento é a exceção. Isso porque, o processo produtivo é voltado para a fábrica em um sistema de produção meramente reprodutivo. “A mente era separada da mão: o melhor operário era aquele que não pensava.” (GIUSEPPE COCCO, 2011)¹⁷. Como apresenta Cocco, essa era então a maneira que se dava a docilização dos corpos tanto pelo mecanismo da individualização (cada indivíduo realizando as suas tarefas na sua área), quanto pela serialização (todos eram desqualificados e poderiam ser substituíveis em qualquer momento). Ou seja, com o fordismo, toda a sociedade era disciplinada pelo sistema de fábrica. Entretanto, como apresentado anteriormente, é preciso ressaltar que essa mudança de paradigma foi gerada a partir de uma crise, como fruto de uma acumulação de lutas ocorridas na década de 60.

As transformações tecnológicas da década de 1970, entretanto, com sua arremetida rumo a racionalização automática, empurraram esses regimes para o limite extremo de sua eficácia, para o ponto de ruptura.

¹⁷ Revista Global, Edição 14. Disponível na Internet em: <<http://www.revistaglobalbrasil.com.br/?cat=218>> Acesso em 15 de agosto de 2011.

Mecanismos tayloristas e fordianos já não podiam controlar a dinâmica das forças produtivas e sociais. (NEGRI, HARDT, 2001, p.288).

Essa crise era permeada por dois fatores principais, de um lado o proletariado fabril se organizava, principalmente nos países dominantes. Aumentavam as reivindicações por melhores salários o que conseqüentemente gerava uma diminuição nos lucros das empresas capitalistas. Em segundo lugar, diversas manifestações tomavam forma, estas recusavam o trabalho repetitivo e as práticas disciplinares do mundo fabril. Essas eram lutas que não envolviam diretamente o mundo do trabalho. Em geral, era colocado em foco o conhecimento e a afetividade e, na sua maioria, eram coordenados por estudantes e feministas como nos acontecimentos de Maio de 1968. Foi então com essas pressões sociais que o capital foi obrigado a se reestruturar, buscando novas formas de comando e entrando nessa fase que chamamos de capitalismo cognitivo.

Esse é o momento vivido pela sociedade contemporânea, a época que chamamos de pós-fordista. Isso porque, se no capitalismo fordista havia uma lógica da reprodução, no capitalismo cognitivo há um regime da inovação. Maurizio Lazzarato (2006)¹⁸, exemplifica essa mudança de maneira prática:

No dito capitalismo clássico, o que estava no cerne era a fabricação do objeto. Hoje, antes de fabricar o objeto é preciso fabricar o desejo e a crença. Por exemplo, vamos pensar na fabricação de um par de tênis. O calçado é produzido na China, onde o trabalho dos operários custa 2% do total. Somando o custo de tecnologia e transporte, envolvemos 50% de investimento. O restante do investimento é feito em marketing, publicidade, design, que é feito no Ocidente. O capitalismo cognitivo convive com o capitalismo clássico, a fábrica, o serviço. E há conflito entre os dois. Inclusive entre as subjetividades diferentes que vivem com capitalismos diferentes. (LAZZARATO, 2006)

Dessa forma, o que se produz de mais importante não são mais mercadorias, mas conhecimentos, formas de vida. E, ao invés da fábrica, o paradigma é a sociedade, a rede.

É uma mudança radical de paradigma: ao passo que o carro que circula nas estradas de rodagem se consome e quanto mais circula mais perde “valor”, a informação adquire valor porque circula e quanto mais se hibridiza na circulação mais se torna “valiosa”. Os dogmas da teoria econômica vão por água abaixo: as informações são cumulativas, não rivais e não exclusivas. (GIUSEPPE COCCO, 2011).

¹⁸ Em entrevista a Revista Carta Maior. Entrevista disponibilizada na internet pelo blog Diário de Campo, disponível em < <http://diariodecampo.wordpress.com/2008/04/08/trabalho-imaterial/> > Acesso em 05 de agosto de 2011.

Podemos então compreender esse capitalismo cognitivo como um capitalismo dos fluxos e da informação, que está constituindo um novo processo de acumulação globalizado e que tem como base o conhecimento, as redes sociais, a comunicação, enfim, uma transformação no caráter do trabalho. “O trabalho imaterial se constitui em formas imediatamente coletivas e não existe, por assim dizer, senão sob forma de rede e fluxo” (LAZZARATO & NEGRI, 2001, p.50).

O trabalho imaterial, segundo Lazzarato e Negri pode então ser dividido em três categorias. A primeira trata da produção industrial que incorporou tecnologias de comunicação, que transformam o processo de produção e, por isso, foi informatizada. Já a segunda, envolve os trabalhos de tarefas analíticas, que de um lado envolve a manipulação inteligente e criativa e por outro tem os trabalhos simbólicos de rotina. Em terceiro lugar, são apresentadas a produção e a manipulação de afetos, que precisam de um contato humano, seja real ou virtual, assim como o trabalho físico. É importante destacar a colaboração como um processo presente em todos os três tipos de trabalho imaterial.

Nesse processo, a comunicação é utilizada para produzir o desejo de consumo e isso está diretamente ligado ao processo de produção. Com isso, o consumidor passa a intervir de maneira ativa na constituição do produto à medida que ele se situa na interface entre o consumo e a produção. Dessa forma, supera-se a organização fordista, já que aqui o produto ou o serviço tornam-se uma constituição e um processo social de concepção e inovação. Ou seja, o capitalismo cognitivo está diretamente ligado à constituição do campo comunicacional.

Assim, essa nova força de trabalho é o “trabalho vivo”, o trabalho imaterial. Este não é meramente reprodutivo, envolve a produção de subjetividade. Nele a inovação é imanente à produção e está constantemente envolvida em um processo de criação cooperativo que o valoriza. Para o capitalismo cognitivo, o que interessa é qualificar as pessoas para produção de conhecimento de forma autônoma e livre e não mais buscar o operário substituível que vive o assujeitamento do assalariado, paradigma tão presente no capitalismo fordista.

Para Negri e Hardt (2005), “Assim como naquela fase todas as formas de trabalho e a própria sociedade tinham de se industrializar, hoje o trabalho e a sociedade têm de se informatizar, tornarem-se inteligentes, comunicativos e afetivos.” (NEGRI & HARDT, 2005, p. 151). Isso porque o setor de serviços e de comunicação na indústria se torna a cada dia mais central e acabam redefinindo todas as outras áreas da produção. Essa nova produção é voltada a ideias, símbolos, códigos, textos, formas linguísticas, imagens e outros produtos do gênero e também as características afetivas como a sensação de bem-estar, tranquilidade, satisfação, excitação ou paixão. Além disso, para esses autores “é esta, com efeito, a principal característica do trabalho imaterial: produzir comunicação, relações sociais e cooperação.” (NEGRI & HARDT, 2005, p. 156).

No entanto, como nos apresenta Lazzarato (2006), essa potência biopolítica que valoriza a vida de todos os indivíduos, encontra-se presa entre dois polos: se efetivar em toda a sua potência de colaboração entre cérebros ou se deixar modular pelos estratos de poder do capitalismo, que “tenta controlar os mundos virtualmente possíveis através da variação e da contínua modulação” (LAZZARATO, 2006, p.106).

Dessa forma, é preciso estar atento uma vez que os dispositivos disciplinares tentam aprisionar as diversas possibilidades que os sujeitos possuem dentro do capitalismo cognitivo. É preciso destacar que a passagem da disciplina para o controle é não apenas uma mudança no sistema capitalista, mas como aponta Lazzarato “deve sim ser compreendida a partir da potência da multiplicidade” (Lazzarato, 2006, p. 62). Essa multiplicidade pode ser encontrada na multidão, aquela que assume o papel de resistência biopolítica e substitui o conceito de massa como será apresentado no próximo tópico deste trabalho.

3.2 Multidão e a Constituição do Comum

“As singularidades interagem e se comunicam socialmente com base no comum, a sua comunicação social por sua vez produz o comum. A multidão é a subjetividade que surge dessa dinâmica de singularidade e partilha” (NEGRI & HARDT, 2005, pg.258).

Para pensarmos os novos movimentos políticos de produção e distribuição de conteúdo, precisamos antes compreender um conceito central em nosso trabalho e na sociedade contemporânea como um todo. Esse é o conceito de

multidão, termo que Negri e Hardt recuperam de Spinoza. Para eles, esse é o primeiro autor moderno a pensar em multidão sem conotações negativas. Isso porque Spinoza já apresenta a multidão como uma multiplicidade de singularidades que se organizam com uma ordem própria e não um conjunto desordenado de indivíduos.

Assim, o conceito de multidão é de fundamental importância para o exame do processo comunicacional na contemporaneidade, uma vez que, enquanto conjunto de singularidades cooperantes, para Negri e Hardt, a multidão é a expressão da multiplicidade de subjetividades que compõe a sociedade.

Entretanto, antes de entrarmos propriamente nas questões da multidão, precisamos destacar um outro conceito, que é muito importante para a compreensão dessa questão, a figura do General Intellect. Para Bifo (2005,p.73):

General Intellect quer dizer apenas aquilo que pretende dizer: a forma geral da inteligência humana enquanto se torna produtiva, na esfera do trabalho social global e da valorização capitalista, ou seja, os poderes da ciência e da tecnologia postos em ação pela cooperação social e finalizados na intensificação da produtividade e, portanto, do aumento da mais valia.

Esse é um termo recuperado das reflexões de Marx e representa para Negri e Hardt (2005) uma nova classe de trabalhadores do capitalismo cognitivo. Assim, essa nova classe de trabalhadores se constitui nessas tensões entre os trabalhadores e as tentativas do biopoder de se apropriar de suas potências. Porém, a relação de luta não é somente negativa em relação ao capital, mas é positiva na construção de uma outra realidade social. Isso porque é fundamental na constituição do General Intellect esse tecido comum de relações e cooperações autônomas ao controle capitalista, ou seja, essa figura pode ser compreendida como uma rede cooperativa e produtora. Dessa forma, o termo multidão vem responder ao paradigma da disciplina como uma resistência biopolítica, que oferece possibilidades de fuga e enfrentamento ao poder disciplinar.

É preciso ressaltar que o termo multidão se diferencia do conceito de povo. Para Negri e Hardt, o povo é produzido pelo Estado a partir da expropriação das singularidades e tende ao uno. Ou seja, o povo é um conceito unificador, a multidão em contraste com o povo parte do uno, ela se define por um conjunto de singularidades não representáveis, ela representa a multiplicidade, as diferenças que se relacionam. Nesse processo, as diferenças não se apagam, pelo contrário, elas se afirmam e procuram entre si um terreno comum de ação, de produção e de

vida. A multidão trata não só de uma perspectiva socioeconômica, mas de um conceito de raça, gênero e diferenças de sexualidade. A multidão exprime o desejo de um mundo em que as diferenças de raça e gênero não importem, um mundo em que as diferenças possam ser expressas livremente.

Para Negri e Hardt (2005), a atual forma de governo da população envolve um contrato em que os cidadãos abdicam da sua liberdade tendo como compensação a propriedade. Isso funciona por meio da representação, e é justamente essa representação que cria o povo. Ou seja, um governo que se considera “superior” só pode comandar quando consegue neutralizar a multiplicidade, transformando-a em unidade. Em oposição a isso, a multidão é irrepresentável, ela governa a si mesma e é por isso a expressão absoluta da democracia. “O desafio da multidão é o desafio da democracia. A multidão é o único sujeito social capaz de realizar a democracia, ou seja, o governo de todos por todos” (HARDT & NEGRI, 2005, p. 141).

O conceito de multidão questiona então uma das tradicionais verdades da filosofia política que afirma que só o que é uno pode governar (monarca, partido, povo etc.). Dessa maneira, todos os sujeitos sociais múltiplos devem ser governados. “O conceito de multidão desafia esta verdade consagrada da soberania. A multidão embora se mantenha múltipla e internamente diferente, é capaz de agir em comum, e, portanto, de se governar.” (NEGRI & HARDT, 2005, p. 140).

É importante ressaltar que o conceito de multidão também não é similar ao conceito de classe operária, que há muito tempo é considerado o único protagonista da luta política. Isso porque a multidão não é composta apenas por trabalhadores assalariados, mas ela se expande por todo tecido social, a multidão comporta todas as formas de produção.

Dessa forma, a multidão é capaz de constituir um novo modelo de mundo alternativo ao do capital, e isso pode ser feito por meio da resistência. Para então resistir ao poder distribuído, engendrado nas estruturas sociais, a multidão tem uma formação nômade, baseada em estratégias distribuídas. Essas estratégias têm como elementos centrais o livre acesso e controle sobre “o conhecimento, a informação, a comunicação e os afetos” (HARDT & NEGRI, 2001, p. 396-407).

Estamos aqui, especialmente pensando em espaços de resistência que

trabalham no nível dos códigos e da infraestrutura da Internet e que, ao sair de espaços e linguagens proprietários, nos quais se embutem autoridades arbitrárias, produzem novas linguagens para exercitar a voz, a partir de novos e múltiplos territórios.

Vale ressaltar que, para Negri e Hardt, a resistência é anterior ao poder. Isso porque o poder é reativo à criatividade da potência. Assim como o capital industrial passou ao capital cognitivo por meio de uma transformação da subjetividade da multidão (que ao lutar contra as questões da disciplina, colocou em foco os processos da subjetividade como a comunicação, a cooperação, a afetividade, a diferença entre outras), para o autor foi por meio dos novos processos de produção de subjetividade que o trabalho se organizou em trabalho imaterial.

É por isso que hoje produzimos as nossas subjetividades por meio da cooperação criativa expressa pelo trabalho imaterial. As relações entre as singularidades produzem então o mundo e a multidão.

A subjetividade como elemento de indeterminação absoluta, torna-se um elemento de potencialidade absoluta. Não é mais necessária a intervenção determinante do produtor capitalista. Este último torna-se sempre mais externo ao processo de produção de subjetividade. O processo de produção de subjetividade, isto é, o processo de produção *tout court*, se constitui “fora” da relação de capital, no cerne dos processos constitutivos da intelectualidade de massa, isto é, na subjetivação do trabalho. (LAZZARATO & NEGRI, 2001, 35).

Sendo assim, esses processos que constituem a subjetividade estão em constante produção de novas lutas, buscando sempre criar um novo mundo possível. O sujeito que então está produzindo o mundo ao seu redor é também o que Negri e Hardt nomeiam como o mediador possível entre mundo e poder constituinte porque é ele que constitui a multidão e é também através desses processos que é possível construir a democracia absoluta que é a expressão do desejo da multidão.

Esse poder constituinte, para Negri, é o sujeito da produção de democracia, além de ser a fonte que produz as normas constitucionais de todos os ordenamentos jurídicos. “Sob este ponto de vista, o poder constituinte tende a se identificar com o próprio conceito de política, no sentido em que esta é

compreendida numa sociedade democrática” (NEGRI, 2002, p. 7).

Além disso, o autor também pontua o poder constituinte como uma potência que resiste a toda integração constitucionalizadora. Ou seja, a democracia, no sentido de ser uma forma de governo absoluta e a constitucionalização de governo limitado. Assim, a constitucionalização é limitadora da democracia. Há nesse ponto então uma crise que faz parte do poder constituinte.

Para tentar resolver essa crise, as teorias jurídicas, na maior parte das vezes, neutralizam e tentam controlar o poder constituinte. Isso ocorre por meio da delimitação do seu tempo, sempre aberto; pela redução da sua dimensão espacial, que é expansiva; ou pela dissecação da produção de subjetividade, separando-o assim da sua ligação direta com o direito da resistência.

Negri apresenta então três visões jurídicas que são parte dessa tentativa de controle da força do poder constituinte. A primeira visão considera o poder constituinte transcendente ao ordenamento jurídico, ou seja, como algo externo e originário do ordenamento jurídico. Sendo assim, separa a força inovadora da sociedade do direito que a regula. Já a segunda visão considera o poder constituinte como imanente. O poder constituinte funciona então como segundo estágio de uma sequência. Ele entra após a realização de um contrato sobre os princípios da justiça e antes da estrutura jurídica e da execução de leis, tornando-se parte ora do direito constituído, ora do Estado. A terceira visão considera o poder constituinte como uma força coextensiva. Nessa visão, a realidade histórico-institucional funciona como pré-figuradora da constituição formal de uma sociedade, ou seja, o poder constituinte torna-se apenas o resultado de relações sociais preexistentes sem a possibilidade de criação e inovação.

No entanto, o poder constituinte, pode ser compreendido por uma potência democrática, aberta, expansiva e que surge como um acontecimento único e também sem finalidade preexistente. “Portanto, o conceito de poder constituinte, compreendido como força que irrompe e se faz expansiva, é um conceito ligado à pré-constituição da totalidade democrática” (NEGRI, 2002, p. 21).

Portanto, o poder constituinte nunca se transforma em poder constituído por ser essa força que é sempre aberta e não se deixa cristalizar. Ou seja, o poder

constituente é uma potência ilimitada e inacabada, que é uma alternativa de poder não finalizado, de poder aberto. Essa potência é movida pelo desejo incansável. Dessa forma, a constituição do social vem desse deslocamento do desejo a partir da ausência.

O poder constituinte se define emergindo do turbilhão do vazio, do abismo da ausência de determinações, como uma necessidade totalmente aberta. É por isto que a potência constitutiva não se esgota nunca no poder, nem a multidão tende a se tornar totalidade, mas conjunto de singularidades, multiplicidade aberta. O poder constituinte é esta força que se projeta para além da ausência de finalidade, como tensão onipotente e crescentemente expansiva. Ausência de pressupostos e plenitude da potência: este é um conceito bem positivo de liberdade. (NEGRI, 2002, p. 26).

O poder constituinte está então sempre construindo, ele nunca se institucionaliza, ele está construindo o comum. É por isso, que ele está diretamente ligado à revolução, nenhum dos dois tem fim. “O poder constituinte manifesta-se como expansão revolucionária da capacidade humana de fazer história, como ato fundamental de inovação, e, portanto, como procedimento absoluto” (NEGRI, 2002, p. 40).

Dessa forma, mesmo aceitando o poder constituinte como um conceito de crise, é necessário buscar uma instância mediadora com essa força que nunca se acaba. É preciso encontrar um sujeito adequado a esse procedimento absoluto, um sujeito que possa manter aberta a capacidade criativa e produtora do poder constituinte, um sujeito que através da sua luta constitua sua relação com outros sujeitos. Esse sujeito são as singularidades que compõem a multidão. É, então, por meio do poder constituinte, que a multidão deixa claro os seus desejos e que pratica a sua construção do comum.

Um exemplo interessante dessa realidade na sociedade contemporânea envolve a cultura *hacker*. Isso porque essa cultura tem como foco a capacidade de criar novas tecnologias e compartilhá-las com a comunidade. Isso para que ocorra uma circulação de saberes que possa tornar a sociedade mais desenvolvida. Dessa forma, os *hackers* têm a liberdade como valor fundamental. A liberdade de acesso à tecnologia e de usá-la da maneira que lhes convém. Para Steven Levy, existem alguns princípios que são fundamentais para a cultura *hacker*, dentre eles “1) o acesso aos computadores deve ser livre e completo; 2) toda informação deve estar disponível; 3) desconfie da autoridade – promova a descentralização”

(LEVY, apud: Goffman e Joy, 2007, p.371).

Assim, a economia política da cultura *hacker* está no valor da circulação. Isso ocorre uma vez que o *hacker* busca o reconhecimento social já que quanto maior o reconhecimento, maior é o seu acúmulo de capital humano, que é então traduzido em ofertas crescentes de trabalhos e atividades.

Por isso, a Internet expressa bem essa nova configuração da produção de valor. Ela funciona não só como espaço de distribuição, mas também de produção de novos processos, produtos e serviços. Sendo assim, a cultura *hacker* exemplifica como o sujeito constrói o próprio mundo, isso para além de uma definição do valor como tempo, como repetitividade. Isso porque a informação e a cultura presentes num bem ou num processo de trabalho é algo que não se pode mensurar, em termos de quantidade de tempo.

Dessa forma, a cultura *hacker*, como representante da multidão, se produz por meio do trabalho imaterial, ou seja, de forma colaborativa buscando o comum. Isso ocorre através do trabalho vivo, da produção cooperativa.

Assim, a multidão, ao mesmo tempo produz forma ao trabalho imaterial e por meio dela cria-se e constitui as suas formas de reprodução. Esse conceito ressalta que na sociedade contemporânea todas as formas de trabalho são socialmente produtivas e compartilham um potencial de resistir à dominação do capital. Isso acontece por meio da produção do comum, que é a criação de redes de cooperação e comunicação que ao mesmo tempo funcionam dentro delas. Por exemplo, os indivíduos envolvidos em produção de informação dependem do conhecimento comum recebido de outros e, ao mesmo tempo, criam novos conhecimentos comuns. Para Negri e Hardt (2009, p. 16¹⁹):

A democracia da multidão pode ser imaginada e possível somente porque todos nós compartilhamos e participamos do comum. Por “comum”, nós queremos dizer, em primeiro lugar a comunidade do mundo material – o ar, a água, as frutas da colheita, e tudo que provém da natureza - o que nos textos políticos europeus clássicos é geralmente nomeado como herança da humanidade como um todo, a ser juntamente compartilhado. Nós consideramos o comum também e mais significativamente os resultados da produção social que são necessários para a

¹⁹ O livro “*Commonwealth*” (NEGRI & HARDT, 2009) foi lido em versão digital para Kindle e por isso possui um paginamento diferente do presente na versão impressa.

interação social e produções futuras, como conhecimentos, linguagens, códigos, informações, afetos entre outros.²⁰

Isso porque as novas formas de produção que envolvem conhecimentos e afetos, por exemplo, precisam que os seus desenvolvedores tenham um alto nível de liberdade assim como acesso aberto ao comum. Especialmente em formas sociais, como na produção de mídia e nos circuitos culturais como o Fora do Eixo. Na Internet, por exemplo, a inovação depende diretamente do acesso ao comum assim como da interação uns com os outros por meio da rede.

Negri e Hardt apresentam em seu livro *Commonwealth* (2009) que, para a produção do comum e a constituição de uma nova sociedade, é preciso antes de tudo radicalizar o amor – no comum de formas de vida, bens, afetos, imagens e conhecimentos. Isso porque o amor é uma força econômica, não tem medida, é só excesso, vence a morte e opera a revolução, como princípio da organização (política) da produção. O amor revolucionário significa então que é preciso resistir, porque é desejável e é o que queremos.

É o comum então, que constitui e serve de base para toda a ação da multidão. Ele é o produto das relações das singularidades. O comum é sempre construído por um reconhecimento do outro, por uma relação com o outro que se desenvolve nessa realidade. É por isso que Hardt e Negri (2009) afirmam que o trabalho da multidão, em redes colaborativas, no trabalho imaterial, na militância “glocal” (global+local), na produção de renda (fora dos circuitos capitalistas de exploração do trabalho), já são uma forma de construção do comum.

A multidão é, portanto, o ponto central da produção pós-moderna. “Também a multidão pode ser encarada como uma rede: uma rede aberta e em expansão na qual todas as diferenças podem ser expressas livre e igualitariamente, uma rede que proporciona os meios da convergência para que possamos trabalhar e viver em comum.” (NEGRI & HARDT, 2005, p. 12).

²⁰ Tradução livre nossa.

Considerações Finais

O ato de resistência possui duas faces. Ele é humano e também um ato artístico. Somente o ato de resistência resiste à morte, seja sob a forma de uma obra de arte, seja sob a forma de uma luta dos homens. (Gilles Deleuze)

O direito à reapropriação é antes e acima de tudo o direito à reapropriação dos meios de produção. (HARDT, NEGRI, 2006,P.430).

Como apresentado neste trabalho, a década de 60 e 70 trouxe grandes mudanças tanto no âmbito político como no econômico. Os movimentos feministas alteraram a posição social da mulher na sociedade ao dizer não à disciplina patriarcal, já o movimento estudantil alcançou um alto valor social ao saber e ao trabalho intelectual.

Sendo assim, esses movimentos produziram novas formas de mobilidade e flexibilidade que se transformaram em novos estilos de vida. Esse novo modelo de vida tem foco no potencial dos equipamentos de informação e comunicação e cultivam os ideais de liberdade.

As transformações do capital ocorridas nessa época transformaram então o caráter do capital e reestruturaram-no. Passa-se a focar nos serviços e nas práticas comunicativas em rede além de gerar também uma transformação do trabalho que passa a ser mais colaborativo lidando cada vez mais com a comunicação e os afetos.

Dessa forma, como pontuam Hardt e Negri, uma das demandas políticas centrais da multidão é o direito à reapropriação dos meios de produção.

Contemporaneamente, reapropriar-se dos meios de produção significa fundamentalmente ter livre acesso a conhecimentos, informações, comunicação etc. Isso porque são as máquinas de comunicação e informação as mais importantes no universo produtivo atual. Com a Internet, a possibilidade de criação de múltiplas formas de expressão se confronta então com aquela noção das empresas, de escolha entre os mundos pré-formatados. Isso porque a Internet é o terreno comum de relação das singularidades, de existência das singularidades.

As mídias livres e colaborativas representam, portanto, uma forma importante de resistência biopolítica dentro do campo da comunicação, uma resistência criativa, que não precisa negar a mídia corporativa, mas que se engaja na criação de uma possibilidade que conjuga toda uma rede de diferenças de multiplicidades. “A resistência está intimamente ligada ao investimento constitutivo no reino biopolítico e à formação de aparatos cooperativos de produção e comunidade” (HARDT & NEGRI, 2006, p. 437).

Dentro deste contexto, apresentamos o circuito Fora do Eixo que é uma iniciativa que funciona baseado nesse novo modelo de ativismo contemporâneo. O circuito tem foco nas ideias de autonomia e liberdade, além de ser voltado à construção do comum (seja por meio da comunidade, dos caixas coletivos, da economia solidária ou das redes de trabalho).

Algumas discussões têm envolvido o circuito Fora do Eixo desde meados do segundo semestre de 2011 até o começo desse ano de 2012. Foi publicado em 17 de junho de 2011 no site Passa Palavra²¹ um texto nomeado “A esquerda Fora do Eixo”, que tem assinatura coletiva e alega que “As últimas mobilizações em São Paulo demonstram a fragilidade prática e teórica da esquerda num cenário de ascensão e transformação econômica. (Passa Palavra, Introdução, 2011)”. O trecho inicial se refere às manifestações (em quase todas essas manifestações, o coletivo Fora do Eixo estava presente) pelo aumento das tarifas de ônibus em São Paulo, ao ato de defesa ao deputado Jair Bolsonaro (organizado pela direita e confrontado pela esquerda), o “churrascão da gente diferenciada” em Higienópolis, a Marcha da Maconha e principalmente a Marcha pela Liberdade.

²¹ <http://passapalavra.info/?p=41221> Acesso em 10/03/2012.

Além disso, também apresenta o circuito Fora do Eixo, os embates com o Ministério da Cultura na gestão Ana Buarque de Holanda e os modelos de negócios da cultura livre. Após essas apresentações o texto retoma o foco no circuito Fora do Eixo e afirma que politicamente “para o Fora do Eixo a cultura é apenas um pretexto e, atualmente, passaram a buscar meios para chegar na política” (Passa Palavra, online, 2011).

Um outro trecho afirma que o Fora do Eixo é “uma classe de gestores que visa renovar a burocracia” e que utilizam militantes e ativistas para ampliar sua influência política e expandir o mercado consumidor de cultura independente. E, por fim, o texto traz a seguinte conclusão:

Mas, o que o Fora do Eixo apropria da manifestação? Eles se apropriam da comunicação para se projetarem, capturar o “status” de organizadores e depois capitalizar esse público em seu circuito comercial. Esse método difere, por exemplo, de uma campanha do PT ou PSDB, pois não utiliza força de trabalho assalariada para construir sua base social. As ações do Fora do Eixo são a propaganda da organização para o alargamento do mercado e a manutenção de atividades gratuitas para angariarem simpatizantes. [...] Nos limites da renovação e modernização das elites, com esta “geração em rede” mascara-se o conteúdo político das ações de um setor ascendente de uma classe dominante para evitar que se perceba isto que é e jamais poderá deixar de ser um confronto político. (Passa Palavra, online, 2011)

O texto gerou 159 comentários e muitas respostas pela Internet confrontando alguns aspectos do texto principalmente no que diz respeito ao circuito Fora do Eixo. Uma dessas respostas foi de Ivana Bentes, que publicou no Trezentos²² o texto “A Esquerda nos Eixos e o novo Ativismo” em que avalia que:

O texto (do Passa Palavra) percebe as mudanças, estruturais, mas não consegue ir além nas consequências e funciona como uma caricatura que busca demonizar as novas dinâmicas sociais e culturais pós-fordistas e despotencializar a cultura digital, o midiativismo e as estratégias de apropriação tecnológicas das redes, inclusive a apropriação de ferramentas como o Facebook, twitter e outras causas e objetivos próprios, como fizeram os árabes e os espanhóis, hackeando as novas corporações pós-fordistas. (BENTES, online, 2011).

Além disso, Bentes também pontua que para ela o circuito Fora do Eixo é um dos mais potentes laboratórios de experimentações das novas dinâmicas do trabalho e das subjetividades. A autora justifica a sua afirmação ao pontuar que:

²² <http://www.trezentos.blog.br/?p=6056> Acesso em 10/03/2012.

O Fora do Eixo, nas suas práticas de criação de comum e comunidades (que o texto [do Passa Palavra] detecta, mas distorce) e politização do cotidiano, não é o “inimigo” a combater [...] A “geração em rede” não mascara nenhum tipo de “conteúdo político oculto e perigoso” que precisa ser desmascarado, ela é o novo conteúdo e linguagem política, ela encarna as novas lutas e está inventando futuros alternativos. (BENTES, online, 2011).

Já o site Outras Palavras²³ publicou, em fevereiro de 2012, o primeiro texto de uma série sobre o Fora do Eixo assinada por Antônio Martins. O texto se chama “Cultura: e se o pós-capitalismo estiver começando?” e ao apresentar o circuito ressalta que é provocador o fato do Fora do Eixo ter se tornado um sucesso justamente por causa dos coletivos, dos trabalhos, dos valores e lógicas contra-hegemônicas. E mais, por trabalhar na lógica da colaboração, ao invés da competição e do compartilhamento de renda. Além disso, Martins (2012) também fala que o circuito é mais um filho da era digital:

O desejo de novas relações sociais, que o inspira e alimenta, seria impotente sem as tecnologias que derrubaram dramaticamente os custos dos equipamentos e da produção de bens culturais. Que multiplicaram as possibilidades de mixagens e remixagens multimidiáticas. Que tornaram possível aos criadores, ou a coletivos não-mercantis, distribuir seus produtos maciçamente e quase sem custo, propagar seus eventos e ideias, compartilhar em tempo real suas práticas e experiências. Que, enfim, estão tornando desnecessárias e obsoletas a indústria cultural e seus mecanismos de intermediação. (MARTINS, online, 2012).

Ou seja, o texto ainda mostra que as questões apontadas pelo pensamento conservador como causador de ineficiência, desestímulo e caos, o circuito transforma em fontes de sua energia.

Dessa forma, contrariando alguns aspectos apresentados no texto do site Passa Palavra, entendemos que a comunicação está no cerne dos novos movimentos sociais e culturais. O Fora do Eixo representa então um modelo de produção cultural baseado no modo de funcionamento do próprio capitalismo cognitivo. Esse modelo envolve essa nova força de trabalho que produz e organiza novas formas de ocupação e novos circuitos voltados aos mercados solidários. Essa força de trabalho está longe de ser uma classe absolutamente resolvida, ela se traduz numa classe que está sobre uma investida de exploração acima de todas as outras, pois todo seu modo de vida e criação é posto a

²³ <http://www.outraspalavras.net/2012/02/28/cultura-e-se-o-pos-capitalismo-estiver-comecando/> Acesso em 10/03/2012

trabalhar, gerando o que Ivana Bentes denomina de precariado da comunicação, para afirmar uma massa de realizadores culturais que produzem importantes inovações de comunicação, mas que vivem numa situação de exclusão de direitos econômicos e sociais, mas que, mesmo assim, são capazes de gerar novos conflitos sociais no campo da cultura.

Além disso, assim como os movimentos de Maio de 68, de Seattle, dos blogs no 11 de setembro americano, da cultura *hacker*, o Fora do Eixo trabalha em rede, produzindo novos conteúdos e linguagens de trabalho e possibilitando a distribuição de informação e a produção cultural por toda América Latina. Conforme apresentado por Ivana Bentes (2012):

A principal contribuição do Fora do Eixo me parece ser essa: articular um circuito cultural a um movimento cultural e social no contexto do Capitalismo Cognitivo e utilizando estratégias (mídia, publicidade, circuito, simulacros de instituições e de processos) que apontam para uma potencial reversão, resistência e experimentação dentro do capitalismo, correndo o risco de também ser capturado e capturar o comum, mas eminentemente apostando nas linhas de fuga (de autonomia e liberdade) e não de assujeitamento que atravessam o contexto contemporâneo. (BENTES, Notas de Aula, 2012).

Portanto, a tecnologia de produzir informação está hoje aberta a todos e os antes somente leitores se tornam colaboradores. Hoje há uma incorporação da linguagem midiática pela sociedade atual como, por exemplo, com o formato produção de informação por meio das mídias livres e como funciona, por exemplo, no circuito Fora do Eixo. É preciso estar atento uma vez que as grandes mídias estão tentando de todas as formas dominar a Internet e enquadrá-la no seu formato de controle da informação. É preciso resistir e a melhor forma de fazer isso é produzindo, é gerando iniciativas de mídia livre e de distribuição de informação.

Bibliografia

BIFO, Franco. **A Fábrica da infelicidade**. Rio de Janeiro: DP&A , 2005.

COHN, Sérgio; PIMENTA, Heyk. **Maió de 68**. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2008.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Rio de Janeiro: ed. 34, 1992.

_____. **Mil Platôs**, Vol.1, Ed. 34, 1995

_____. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

DOWNING, J. **Mídia radical**: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais. São Paulo: Editora SENAC, 2002.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. **O nascimento da medicina social**. In.: Microfísica do Poder. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões**. 30.ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

_____. **História da Sexualidade**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2009.

GILLMOR, Dan. **Nós os Media**. Lisboa: Editorial Presença, 2005.

GOFFMAN, Ken e JOY, Dan. **Contracultura através dos tempos**: do mito de Prometeu à cultura digital. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.

HARDT, Michael, NEGRI, Antonio. **Império**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

_____. **Multidão**: guerra e democracia na era do império. Rio de Janeiro: Record, 2005.

_____. **Commonwealth**. Harvard University, 2009. 433 páginas.

LAZZARATO, Maurizio, NEGRI, Antonio. **Trabalho Imaterial**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001

LAZZARATO, Maurizio. **As Revoluções do Capitalismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed.34,2003.

MALINI, Fábio. **O Comunismo das Redes**: sistema midiático p2p, cooperação em rede e novas políticas de comunicação na Internet. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. Escola de Comunicação:2007.

MIGLIORIN, Cezar. **Eu sou aquele que está de saída**: dispositivo, experiência e biopolítica no documentário contemporâneo (Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008). 275 páginas.

NEGRI, Antonio. **O poder constituinte**: ensaio sobre as alternativas da humanidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

PERUZZO, C.M.K. **Revisitando os Conceitos de Comunicação Popular, Alternativa e Comunitária**. In: Congresso Nacional da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares de Comunicação. Anais. Brasília: Intercom, 2006

SCHIECK, Mônica. **Movimentos sociais contemporâneos**: Uma análise das tecnologias de comunicação e informação como ferramenta para liberdade de expressão. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. Escola de Comunicação: 2011.

SILVEIRA, Sergio Amadeu da. Software Livre: A luta pela liberdade do Conhecimento. 2004 Disponível em <<http://200.17.41.182/~riverson/cib102/images/stories/slllc.pdf>.> Acesso em 10/01/2012.

Arquivos Retirados da Internet:

BAUWENS, Michael. **A Economia Política da Produção entre Pares** Acesso em 01/10/2011 em <http://www.p2pfoundation.net/>.

BENTES, Ivana. **A Esquerda nos Eixos e o novo ativismo**. Acesso em 10/03/2012 em <http://www.trezentos.blog.br/?p=6056> . 22 de junho de 2011.

COCCO, Giuseppe. **Revista Global**, Edição 14. Acesso em 15/08/2011 em <<http://www.revistaglobalbrasil.com.br/?cat=218> >.

MARTINS, Antonio. **Cultura: e se o pós-capitalismo estiver começando?**. Acesso em 10/03/2012 em <http://www.outraspalavras.net/2012/02/28/cultura-e-se-o-pos-capitalismo-estiver-comecando/> . 28 de fevereiro de 2012.

PASSA PALAVRA. **A Esquerda fora do eixo**. Acesso em 10/03/2012 em <http://passapalavra.info/?p=41221>]. 17 de junho de 2011.

SAVAZONI, R. **Novos rumos para a imprensa alternativa**. In: Observatório do direito a comunicação. Acesso 08/03/2011 em http://www.direitoacomunicacao.org.br/content.php?option=com_content&task=view&id=2840. 12 de março de 2008.

SILVA, Danilo Almeida. **Pontos de mídia livre** : um capítulo na luta pela democratização da comunicação /Brasília. Acesso em 08/03/2011 em <<http://antropologias.descentro.org/files/downloads/2011/10/Silva-Almeida-Danilo-Pontos-de-media-livre.pdf>> 2011.

